

O CORREIO

Director
Jorge Santos

SEMENARIO MONARCHICO

Editor
José Antonio Fontes, Sobrinho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º — Porto

Composto e impresso na Typographia de Arthur José de Souza, Largo de S. Domingos, 67 — Porto.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas — 6, Rue Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO — N.º 15 — Avulso 20 rs.

Sabbado, 15 de Março de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.ºs, 1\$000 reis — Serie de 25 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal) — serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 3\$000 reis). Series de 25 n.ºs, 8 francos (ou 1\$800 reis). Brazil: serie de 52 n.ºs, 6\$000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANNUNCIOS — Na secção de annuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

SUMMARIO

Ultramar — AYRES D'ORNELLAS.
Notas de um lisboeta — ANSELMO.
Echos.
Episodios da primeira incursão — JOAQUIM LEITÃO.
Os bons tempos da tropa — SATURIO PIRES.
Semana mundana.
Folhetim — A Chica — O chá da Baroneza — ANSELMO.
A proposito das suffragistas inglezas — O feminismo — GIL EANES.
A Democracia e o Suffragio Universal — SATURIO PIRES.
Carta de Lisboa.
Impressões de Theatro — ALVARO.

ULTRAMAR

«Temos, escrevia Antonio Ennes no seu relatório de 1893, a bem fundada reputação de espreitar cuidadosamente as manifestações da riqueza publica, para as perseguir como se fossem roubos».

Nunca por certo esta dura phrase do grande colonial teve mais exacta applicação, nunca definiu melhor uma situação, do que sob o regimen vigente em Lisboa. O imposto do Cacau em S. Thomé e o ataque directo á Propriedade particular excedem em malvadez pura e simples o que de mais estranho offereçam as chronicas colonias conhecidas. Não se percebe em taes medidas principio algum de governo, não são sequer meio de arranjar dinheiro. Nem o producto do imposto, dado que se venha a cobrar, compensa de longe sequer o prejuizo á riqueza nacional nem muito menos a revindicação para o Estado de propriedades particulares valorizadas á custa de um esforço e de um trabalho que seriam em qualquer paiz do mundo o mais honroso dos titulos de benemerencia publica, pôde significar outra coisa que não seja a ancia mal-fazeja de prejudicar interesses, garantidos onde exista a mais rudimentar organização social.

A isto se reduziu em menos de tres annos, mas logicamente, o regimen implantado no cinco d'outubro. Começou por ser, pela sua propria existencia, um perigo nacional; hoje tornou-se além d'isso um perigo para qualquer individuo que seja um valor, que represente uma força, que constitua uma riqueza. De Rousseau depressa se chegou a Bonnot. Governar é agora em Lisboa pôr em pratica a *reprise individual*. E por isso se lança sobre a propriedade um imposto que obriga, mais ainda, que impõe ou a liquidação ou o pouzio, e não contente com assumir a origem natural de toda a riqueza publica, mata-se a unica cultura colonial portugueza que representava no mundo uma força e atacase individualmente o direito de propriedade.

Em frente a factos publicos de tamanha gravidade, quando se patenteia perante a Europa attenta não já uma sim-

ples e talvez transitoria incapacidade administrativa, mas a autonomia absoluta entre os mandões de Lisboa e o interesse da nação ou o futuro das colonias que ella tem missão de civilisar e fazer progredir, quando elles proprios collocam o dilema com tão estúpida brutalidade, então pensa-se no vazio e no ócio do que em estylo officioso se chama ainda — as declarações ministeriaes — como se aquillo em Lisboa fôsse um governo, ou os componentes de semelhante aggregado ministros respondeis!

O mundo, dizia Bismarck em 1884, não pôde consentir no estabelecimento do regimen portuguez na Bacia do Congo. E apezar dos tempos serem outros, de haver mesmo um tratado entre a Gran-Bretanha e Portugal reconhecendo explicitamente o nosso direito, Bismarck criava afinal o antigo Estado Livre do Congo. Levou dez annos a Allemanha a conseguir deitar para lá as suas garras.

Mas o tratado franco allemão de 1914 reconheceu esse facto. Pois d'então para cá o ministerio das colonias do Imperio não teve outro objectivo senão a Angola allemã. E os interesses financeiros da City que conseguiram o accordo no caminho de ferro de Bagdad, tinham que remover da parte do gabinete de S. James, obstaculos bem mais catheticos do que aquellos que se oppõem hoje a esse novo objectivo.

Nem no fundo existe algum: o Imperialismo britannico acabou a sua expansão. O Cabo-Cairo britannico passou ao dominio da utopia. Para manter o Imperio, para o conservar tal qual está, são necessarias combinações e accordos.

Mas não são precisas conferencias internacionaes desde que o proprio Sir Edward Grey já reconheceu á Allemanha o direito de expansão em Africa. Lá está em Berlim o Jules Hedeman do *Matin* fazendo um inquerito nos meios parlamentares e declarando já por mais d'uma vez: «a Allemanha não tem colonias; quer tel-as, e ha-de tel-as *malgré tout*». Não é preciso, pois, que um intitulado em Lisboa ministro dos estrangeiros, vexasse uma vez ainda a nação que se deixa representar por elle, fazendo declarações *competentemente autorisado!* O perigo não está nas conferencias internacionaes, o perigo está nos governantes de Lisboa. Não são a Gran-Bretanha nem a Allemanha que por si proprios e por seu livre alvedrio ameaçam a integridade nacional: é o sr. Costa e os individuos da mesma jaez nos quaes a Nacionalidade Portugueza está diariamente abdicando a sua representação. Elles é que estão por seu lado e também diariamente atacando todos os direitos do cidadão e todos os interesses d'uma nacionalidade. Podem com a carbonaria impôr pelo terror a submissão aos individuos, mas cada victoria por elles alcançada n'este terreno, é uma derrota perante o estrangeiro. A perda do *respeito* pela nacionalidade portugueza é uma diminuição da sua força.

O direito publico colonial moderno foi criado no Congresso de Berlim *contra nós*. D'ahi o cuidado da nossa ulterior politica internacional a qual, salvo o episodio do *ultimatum*, não faz senão

honra á Monarchia. Mas esse doloroso transe foi explorado pelos chamados republicanos em diatribes de patrioteira inflamação contra a secular e tradicional alliança britannica: hoje vivem vilmente das migalhas da condescendencia orgulhosa dos ministros d'essa Potencia. A mais vulgar das phrases, dirigida comtudo ao Paiz e não a elles, é exaltada como uma homenagem a essa Republica que só tem licença de ir vivendo porque entrou no logar da Monarchia.

Petulantes e vaidosos aceitam os restos d'essa Monarchia, sem o mais ligeiro vislumbre de decoro publico; o que aliás não é de estranhar em quem ignora para si o que isso queira dizer.

E assim o Ultramar, descoberto, conquistado, avassallado, civilisado pela Monarchia vae arrastando perigosamente o laço que o une á Mãe patria, porque afinal ella foi a sede da Monarchia Portugueza. Mas como a opposição é cada vez mais forte entre a nação e os governantes, como os governantes representam afinal a nação perante o estrangeiro, a nação acabará por pagar com humilhantes affrontas o prazer de ter tão avançados, radicaes e progressivos governos.

Ayres d'Ornellas.

Estava escripto o que precede, quando vimos nos jornaes a noticia da morte do medico naval Antonio Rodrigues Braga. Começado este artigo com uma invocação á memoria inolvidavel de Antonio Ennes vem assim a acabar com uma saudosa homenagem a um dos seus mais fervorosos admiradores, a um dos seus mais dedicados amigos. Tinha deveras Antonio Rodrigues Braga a paixão do Ultramar. Uma vez, n'uma das muitas palestras no acampamento do Chicom, quem escreve estas linhas manifestava o seu dissabor pelo caminho que as coisas não pareciam querer tomar. E acabava n'um impeto de mau humor declarando que terminada a campanha não mais queria saber do Ultramar. «Você é d'aquelles que nunca mais o larga» respondeu-me singelamente o Braga. Teve razão, e muitas vezes, tantos annos volvidos, recordavamos a sua phrase quando nos encontravamos. Hoje, é com um gosto bem amargo que ella nos está acudindo á memoria, fazendo-nos sentir a differença entre o Ultramar d'então, com Antonio Ennes, Mouzinho, Galhardo, Caldas Xavier, Eduardo da Costa, e o de hoje com o sr. Cerveira ou nem sei quem, sentado no logar onde no tempo da Monarchia estiveram o Marquez de Sá, Andrade Corvo, Rebello da Silva e outros... em quem poder não teve a morte!

Todos tem desaparecido, os do Ultramar d'então, parece que para não quererem ver a perda do que tanto tinham amado e tão bem serviram. E sirva-me ao menos de consolação o pensar que se não mais *larguei* esse Ultramar ao qual me prendem os mais fortes laços que a um homem podem ligar, estou hoje onde estariam os grandes mortos a cuja escola estive e cuja amizade é para mim o meu melhor titulo de honra.

Ayres d'Ornellas.

Notas de um lisboeta

O trapeiro

Mal o ceu, lá para as bandas do nascente, começava clareando, o velho trapeiro iniciava a sua peregrinação pelas ruas do bairro, detendo-se ás portas das casas, a remexer as immundicies dos caixotes de lixo, no triste fadario da sua vida cheia de fome e de miseria.

Nessa madrugada, — como já muitas vezes succedera em outras madrugadas, umas de primavera, rosadas e acariciadoras, outras de inverno, asperas e pardacentas, — o velho trapeiro não ia em busca apenas da sordida trapagem que a cidade arremessava por inutil, e que, vendida depois aos montões, para elle representava o preço de um pedaço de pão negro. Nessa madrugada, no seu lento caminhar, n'aquella tortura da fome que os estrangulava havia dois dias, a elle e á sua companheira que, no lobrego casebre, agonisava, silenciosa e triste, guiava-o também a anciosa esperança de que, para entre as immundicies, alguma creada, indifferente ou distrahi-da, tivesse lançado uns restos de pão, miserias migalhas, talvez recusadas na vespera a algum pobre e abandonadas á noite entre o lixo.

Mas já a manhã ia alta, já as ruas se enchiam de vida, de luz e de tumulto, e ainda nada o velho trapeiro encontrara, que lhe fosse engano á fome que o suffocava, e á triste companheira agonizante fosse passageiro consolo.

Curvado e tremulo, com o roto cesto tombado no passeio, ao lado, deixara-se descahir nos degraus de uma porta, e para alli ficara de olhar vago, desolado e triste, sem mais forças para caminhar, sem animo para o regresso ao casebre onde a velha companheira se extinguia lentamente.

Junto d'elle, do caixote, — que uma creada extremunhada viera á pressa depôr nos degraus quando já no principio da rua se ouviam, monotonas e claras, as vibrações da campainha annunciando a carroça que se aproximava, — sahia, amarrotada e suja, uma folha do jornal, mal embrulhando qualquer cousa.

Instinctivamente o trapeiro estendeu a mão, puxou para si a folha do jornal, e de dentro rolou um pedaço de pão em que havia uns restos de carne.

N'um arranco da fome que o devorava, o trapeiro cravou desesperadamente uma dentada n'aquella pão bemdito. Mas de repente o seu olhar, que um clarão de alegria illuminara, fixou a suja folha do jornal, em que grandes letras negras se destacavam.

E n'um sobresalto de surpresa o misero trapeiro leu:

«A testemunha, José Francisco da Cruz, disse ainda que, por serem muito conhecidas as suas opiniões republicanas, não quizera encarregar-se da missão de entrar no complot para descobrir todos os seus fios, e que procurando-se alguém que se prestasse a desempenhar o papel de espião, se encontrara para elle o capitão de infantaria, José Virgílio Feio Quaresma.»

Ficou-se um momento, de jornal na

mão, olhando ora as negras letras que se destacavam, ora o pão em que pouco antes, n'um arranco da fome, cravara desesperadamente os dentes e que o papel embrulhara.

N'um gesto rapido, instinctivo e brutal, atirou de novo para o caixote, n'uma repulsão, o pão e a folha do jornal.

Depois, n'um vomito, cuspiu o pedaço que estivera mastigando, e, atirando para as costas o roto cesto, foi-se, cuspinhando sempre, pela rua, tropego e cansado, caminho do misero casebre. a passar, junto da velha companheira, que, solitaria e triste, agonisava, mais um dia de fome e de desespero.

Anselmo.

ECHOS

Pobres creanças!

No julgamento dos srs. Carlos Lopes, José Casimiro e Alçada, uma das testemunhas, José Francisco da Cruz, disse que, não tendo querido encarregar-se da missão de entrar n'um *complot* monarchico para lhe descobrir todos os fios, por serem demasiado conhecidas as suas opiniões republicanas, se procurou alguém que d'isso se quizesse encarregar, encontrando-se para o desempenho d'essa missão, o capitão de infantaria, José Virgilio Feio Quaresma.

Segundo se vê dos relatos do julgamento esse capitão de infantaria tem 39 annos, e está fazendo serviço no Collegio Militar.

Aó que nos dizem tem filhos ainda pequenos.

Pobres creanças!
Naturalmente passam a usar o appellido da mãe.

Mas em todo o caso é muito triste!...

Pobres creanças!

74, Rua de S. Julião

A Sociedade de Geographia, que logo apoz a Republica, teve a honra de eleger seu presidente o sr. Bernardino Machado, entendeu que precisava honrar-se mais e, como o sr. Bernardino está no Brazil, elegeu para o substituir o sr. Braamcamp Freire.

Achamos muito bem, porque, graças a Deus, não somos nem nunca fomos socios da Sociedade de Geographia.

Mas se o fôssemos proporíamos desde já que a Sociedade de Geographia, n'uma justissima homenagem ao seu actual presidente, dedicasse uma das suas salas á exposição de todos os desenhos e escriptos que foram distribuidos pelos deputados quando se realisava a eleição para a Presidencia da Republica, em que o sr. Braamcamp era candidato.

E se a Sociedade de Geographia, por qualquer motivo não o pudesse fazer, então proporíamos que ella mudasse a sua sede para o 74, da rua de S. Julião.

Podia até inaugurar uma lapide... com desenhos, também.

Colonias

O sr. Gestavão de Vasconcellos, — que de vez em quando sentenciava na *Patria* sobre questões colonias, em que se julga muito entendido desde que tem como secretario de redacção o sr. Henrique de Vasconcellos, que, por ser mulato, se considera um colonial, — diz que *quando as colonias chegarem á phrase adeantada a que chegou o Brasil, não haverá duvida em consentir, sem pezar, na sua completa emancipação.*

Pelos vistos o avô do sr. Gestavão teve nm alegrão quando o Brasil se tornou independente e o sr. Gestavão prepara-se para o ter quando as colonias, *chegadas á phase adeantada a que chegou o Brasil*, se tornem independentes também...

Pois n'esse caso, menino, saes á familia, benza-te Deus!

Petarolas

A *Patria*, dirigida pelo sr. Gestavão de Vasconcellos e secretariada pelo sr. Henrique idem sem cedilha, afirma que um antigo official do exercito, monarchico, affirmou alto e bom som que preferia a administração estrangeira á Republica.

Apostamos setenta e cinco reis, que serão logo remetidas á *Patria* para a subscrição destinada ao pagamento da divida externa, em como aquella gazeta não é capaz de dizer quem é esse antigo official.

Reconhecimento

Temos visto quasi todos os jornaes indignados contra o novo regulamento disciplinar dos funcionarios publicos, que elles consideram d'uma violencia vexatoria.

Effectivamente pouco falta a esse regulamento para que, — como dizia o sr. Alfredo Pimenta que não percebemos porque está no evolucionismo, — n'elle se determine que os funcionarios publicos se filiem no partido do sr. Affonso e assignem o *Mundo*.

Mas francamente esse regulamento em vez de nos indignar contra o enorme estadista que o deitou cá para fóra, enche-nos de um profundo reconhecimento, d'uma quasi enternecida gratidão pelo homem que, tendo de cocoras na sua presença, tremulo e espavorido todo um paiz, e podendo portanto, sem que alguém se atrevesse a protestar sequer, obrigar esse paiz a andar de mãos no chão e pés no ar como homenagem á redacção do *Mundo*, ou a ir-lhe todos os dias a casa engraxar as botas, é tão magnanimo, tão bom, tão amavel, que se limita a publicar um regulamento em que obriga os funcionarios publicos a varias cousas, que sobre elles lança uma serie de ameaças que tornam dependente a sua permanencia nos logares de qualquer capricho ou vingança, mas que em todo o caso não vae ao ponto de obrigar um chefe de repartição a ir fazer-lhe as compras, nem um primeiro official a ir-lhe lá a casa, esfregar a escada.

Porque a verdade manda Deus que se diga e todos nós precisamos accentuar bem a situação em que se está.

O sr. Affonso Costa manda n'este paiz e o paiz obedece-lhe. De quem nos devemos queixar? Do sr. Affonso Costa? Não. Para que elle deixasse de mander, bastava que o paiz lhe não obedecesse.

Mas o paiz obedece-lhe, o paiz accelta todos os seus abusos, todas as suas violencias, todos os seus vexames. O paiz que pôde atiral-o de pantanas, o paiz que n'um momento pôde pôr ponto final a todas essas violencias, a todos esses abusos e a todos esses vexames, o paiz ruge em casa com a familia, mas guarda prudente silencio quando apparecem visitas, o paiz com os seus botões diz que isto assim não pôde continuar, mas se desconfia que anda perto um carbonario dá-se um arsinho risonho e satisfeito.

Que quer então o paiz? Naturalmente que mais umas dezenas de homens sacrificuem a sua vida, a sua liberdade, os seus interesses, as suas afeições, em tentativas a que o paiz assiste medrosamente por detraz das cortinas, em actos de dedicação e de abnegação, que dão em resultado irem para a cadeia, soffrerem as mais indignas violencias e ultrajes, enquanto o paiz por quem elles se sacrificaram, passados os dias de sustos, volta á pagodeira dos bailaricos, curva a cabeça e vae á repartição, indifferente a que estoirem de fome as familias dos que na lucta perderam a vida ou a liberdade, pouco se importando com que os desgraçados que se sacrificaram por uma causa, que é a do paiz, sejam cuspidos e sejam martyrisados.

O paiz tem lá o direito de se indignar com cousa nenhuma que lhe façam! Os funcionarios podem lá resmungar se quer contra o vexatorio regulamento disciplinar!...

Não, não podem.
E se no paiz ha um pouco de justiça, a unica cousa que elle deve fazer é... agradecer, agradecer enternecidamente, ao sr. Affonso Costa o não se ter ainda, lembrado de ordenar que todos, os dias por todo o paiz, os habitantes de Portugal formassem em linha para serem chicoteados pelos carbonarios.

Mas é possível que algum dia se lembre d'isso e ao mundo se dê então o espectáculo interessante de cinco milhões de creaturas deixando-se resignadamente chicotear por dois mil carbonarios.

Confissões

Ha tempos o sr. Gestavão de Vasconcellos n'uma discussão no Senado, em que um senador qualquer fallou de um burro, concluiu que o burro não podia deixar de ser elle.

Pouco depois na outra Camara um deputado, ao discutir a contribuição predial, declarou que era vadio.

Agora o sr. Antonio Granjo rectificando umas palavras que a *Capital* lhe attribuiu diz na *Republica* o seguinte: *Emfim, sabemos muito bem que não só temos a responsabilidade das nossas asneiras, mas ainda a das asneiras que a primeira piedosa creatura nos queira attribuir.*

Um conclue ser elle o burro; outro declara-se vadio; este agora confessa-se asno. Afinal de contas um correspondente do *Mundo*, é que tinha razão ha dias quando dizia que *em todo o republicano ha um fundo de justiça e de sinceridade.*

Pela amostra que estes tres nos dão... é verdade.

Confessamol-o.

Assombro

O sr. Alvaro de Castro — que é ministro da justiça, como podia ser ministro da guerra, das finanças, do fomento ou dos estrangeiros, ou de qualquer outra pasta, pois é justo reconhecer que para todas ellas tinha a mesma incompetencia que tem para aquella que occupa, — o sr. Alvaro de Castro, diziamos, affirmou n'um discurso pronunciado na Imprensa Nacional que *a Republica ha-de assombrar o mundo pelo seu progresso e pelo seu valimento.*

Pôde o sr. Alvaro de Castro mudar o tempo ao verbo, porque na realidade a Republica já assombrou o mundo, não apenas pelo seu progresso, que tem sido espantoso, e pelo seu valimento, que é de tal ordem que até pôde fazer, ministro, sem inconveniente, qualquer patarata, mas ainda pela sua respeitabilidade, que é de tal ordem, que chega para compensar a falta de respeitabilidade dos que a servem.

Mestre

As *Novidades* estranham que o sr. Gestavão de Vasconcellos, director da *Patria*, tenha chamado *glorioso mestre* ao sr. Theophilo Braga.

E contam então aquelle caso do juiz a quem um delegado, que era gago e se chamava Damião, tratava sempre por *collega*, ao que o juiz observava intrigado: Por que me chamará elle collega? Eu não me chamo Damião, não sou gago, nem sou delegado?

O caso não se pode aplicar bem ao sr. Theophilo e ao sr. Gestavão, porque se um é magro e o outro é gordo; se um escreve e ninguém o lê e o outro é lido pelo sr. Henrique de Vasconcellos; se um quando abre a bocca entra mosca, e o outro quando a abre sae asneira, a verdade, é que *sendo* hoje dois collegas por serem ambos *muitissimo* maçadores, o segundo pode chamar Mestre ao primeiro porque, segundo para ahi se conta, foi o sr. Theophilo Braga quem lhe fez aquella bota da lei dos accidentes de trabalho, que o sr. Gestavão não conseguu descalçar ainda.

Illusão

Diz o *Socialista* que ao ler o Regulamento Disciplinar dos Funcionarios Civis teve a illusão de que estava lendo a prosa de João Franco.

Effectivamente não ha nada mais parecido com esse Regulamento Disciplinar que sugeita os funcionarios publicos á mais oppressiva e vexatoria situação, do que aquelle decreto do governo do sr. João Franco em que aos mesmos funcionarios civis se augmentavam os vencimentos e se diminuiam os descontos.

A illusão do *Socialista* é pois naturalissima... porque naturalmente esse jornal só conhece os dois documentos por ter *ouvisto allumiár.*

Pergunta e resposta

Em sessão de 21 do mez passado o Supremo Tribunal de Justiça confirmou o accordão da Relação de Lisboa mandando pronunciar o sr. Costa Gonçalves, auditor do tribunal de Guerra de Lisboa, por abuso de poder contra o preso Athayde, que, como se sabe, se queixou de ter sido por elle abusivamente perseguido e maltratado.

Este sr. dr. Costa Gonçalves tem-se distinguido nas perseguições aos presos politicos, que d'elle, segundo se conta, narram requintes de maldade.

Occorre-nos uma pergunta:
Supponham os nossos leitores que se restaurava a Monarchia. Supponham portanto que os presos politicos que soffreram as perseguições e os maus tractos do sr. Costa Gonçalves eram postos em liberdade. Perguntamos:

Qual é cousa, qual é ella que, correndo qual gazella, com a ter muito amarella, daria tanto á canella, que ninguém mais sobre ella tornaria a pôr a vista?

Escusam de se cansar...
Era o dr. Costa Gonçalves.

Em Fafe

Conta a *Republica* que foi nomeado administrador do concelho de Fafe o mesmo individuo que exercia equal cargo em 5 de Outubro de 1910, quando foi proclamada a Republica.

Em Fafe estranharam o facto e, ao que parece, protestaram.

Pois nós o que estranhamos é que ainda não tenha sido nomeado presidente do concelho o sr. Teixeira de Sousa, que também exercia equal cargo no mesmo dia 5 de Outubro.

E' verdade que estando o sr. Affonso Costa na presidencia do concelho... vem a dar na mesma.

Exactamente como no 5 de Outubro.

Rodrigo

Diz o *Socialista* que ainda se encontra em Lisboa o sr. Rodrigo Soriano, a quem os jornaes republicanos agora não fazem referencia alguma, e que, segundo parece ao mesmo *Socialista*, tem tido varias conferencias com o sr. Affonso Costa, sem que tenha transpirado o que em taes conferencias se trata.

Tambem nós não sabemos o que se tem passado em taes conferencias, mas como em Hespanha o sr. Teixeira de Souza... perdão... o sr. Romanones, — enganamo-nos sempre, — está, como é sabido, tratando de conciliar para a Monarchia as sympathias dos republicanos hespanhoes, talvez, para conciliar as do sr. Soriano, o tivesse nomeado embaixador extraordinario junto do governo portuguez.

Muitas vezes isto de conciliar sympathias dos repblicanos está n'uma cousa de nada.

Ideias

O sr. conselheiro Antonio José d'Almeida declarou ao *Seculo* que vae iniciar em breve uma série de viagens politicas por todo o paiz para fazer uma activa propaganda das suas ideias.

Pois, senhores, d'esta vez é que o paiz fica idiota de todo.

Armas envenenadas

Uma das testemunhas de accusação no julgamento dos srs. Carlos Lopes, Alçada e José Casimiro, declarou no tribunal que pertence a uma associação que liquida os inimigos da Republica com armas envenenadas.

E' claro que esta declaração feita em pleno tribunal, publicada nos jornaes e lida pelos estrangeiros residentes em Portugal, ha-de chegar ao conhecimento da imprensa lá de fóra.

Essa imprensa naturalmente communicará aos seus leitores essa curiosa declaração. Muitos d'esses leitores, distrahidamente, passarão adeante suppondo que são ainda cousas do bando de Bonnot e Garnier. Mas aos outros não passará despercebido que se trata d'um caso passado na Republica Portuguesa, de uma declaração feita por um republicano n'um tribunal militar.

E assim se realisará desde já aquella prophacia feita pelo sr. ministro da justiça na Imprensa Nacional de que *a Republica assombrará o mundo pelo seu progresso e valimento.*

Emigração

No mez de Janeiro partiram de Leixões para o Brazil 5:387 emigrantes, isto é, mais 2:156 que em igual mez do anno passado.

Os jornaes *calericas*, *jasuitas* e reaccionarios, como o nosso, por exemplo, dirão talvez, por conveniencias politicas, que esse espantoso augmento de emigração é resultante do estado miseravel a que a Republica reduziu o paiz.

Mas não é tal.
A verdade é que tudo aquillo é gente tão saudosa do sr. Bernardino Machado, que não pôde estar mais tempo sem vê-lo.

Mandem-n'o vir para cá e verão como a emigração pára logo.

Episodios

O sr. Americo de Oliveira, que é um dos revolucionarios da Rotunda, conta a respeito do sr. Luz Almeida, um dos chefes da carbonaria, o seguinte:

«Quando em preparação para a Revolução a Carbonaria Portuguesa, e já quando alguns aliciados estavam a ferros, o seu chefe supremo, sr. Luz Almeida, fugia no meu automovel para parte segura.

«Por certas contrariedades que teve n'esse passeio precipitado, o grão-mestre chegou a chorar.

«Na Revolução, por isso que estava no estrangeiro, não appareceu.

«Uma vez deputado, nada fez. Quando desprestigiado no meio da rua, não se desafrontou».

Em summa este senhor Luz em se lhe assoprando... apaga-se.

Claro está que não podemos dar conselhos á Carbonaria, nem ella os accetaria.

Em todo o caso sempre diremos que nós, no caso da Carbonaria, introduziamos melhoramentos no chefe, fazendo-lhe uma instalação electrica.

Assim só se apagaria quando se lhe desse ae botão.

Pergunta

O *Socialista* pergunta ao sr. ministro da guerra qual foi o resultado da syndicança, cujo relatório já recebeu, feita ao seu ministério.

O sr. ministro da guerra não respondendo á pergunta deu-lhe a mais eloquente resposta que podia dar, pois com o seu silencio Sua Senhoria diz tudo isto: *que sim e mais que também, porque enfim, tal e etc.*

Em resumo: que os joven turcos continuam pondo e dispondo.

E nós que entendemos que assim mesmo é que o exercito está bem posto e bem disposto, achamos excellente e applaudimos calorosamente o sr. ministro da guerra.

Colonias

Diz o sr. Gestevão de Vasconcellos na *Patria*, que *teremos durante muitos annos as colonias, e n'ellas os institutos penaes para acolher os inimigos da Republica.*

Pois sim... mas em todo o caso vão reclamando que se venda Timor para socegar os inimigos... da Monarchia.

Annuncios

Escreve-nos um assignante a estranhar que publicámos no nosso jornal annuncios como os dos cigarros *Heroes de Chaves* e *Presidente Arriaga*, que, diz elle, são caracterisadamente republicanos.

Pois trate esse nosso assignante de fazer com que os monarchicos que mandam os seus annuncios para o *Seculo* e para o *Mundo*, os mandem tambem para o nosso jornal, e pensarêmos então n.s providencias a adoptar para que todos os nossos annuncios possam ser cantados com a musica do *Hymno da Carta*.

Mas enquanto isso não succede continuarmos sahindo os annuncios dos *Heroes de Chaves* e do *Presidente Arriaga*, que por signal são optimos para fumar.

Tambem para alguma cousa haviam de ser bons!

Amnistia

O sr. Machado dos Santos affirmou no *Intransigente* que a *amnistia ha-de ser concedida e concedida em curto espaço de tempo.*

Olá!... E quer a carbonaria queira quer não queira!...

O caso da Junta

Escreve-nos um anonymo a deplorar que tivéssemos feito aqui referencia ao que o *Socialista* tem dito acerca d'aquelles casos recambolosos succedidos na Junta de Credito Publico, a proposito dos quaes tem sido feitas por aquelle jornal gravissimas accusações ao sr. Thomaz de Mascarenhas, director da mesma Junta.

O anonymo em questão acha deploravel que o tivéssemos feito porque, diz elle:

1.º—O sr. Thomaz de Mascarenhas é muito amigo dos *thalassas*, a quem tem evitado muitas sensorias;

2.º—A campanha do *Socialista* é paga com o dinheiro de um dos roubos feitos na Junta.

Ora temos a dizer ao illustre anonymo:

1.º—Que nada temos, no absoluto e voluntario isolamento em que estamos em meio da imprensa portugueza, com que seja paga ou gratuita, com que seja interessada ou desinteressada a campanha do *Socialista*, cujos redactores não conhecemos e de quem nada sabemos nem de bom, nem de mau. O caso é, porém, que pagas ou gratuitas, as accusações que n'esse jornal se formulam são gravissimas e envolvem serio descredito para a Instituição de que é director esse senhor Mascarenhas, e até hoje não só esse senhor nada respondeu a taes accusações, como a propria Junta de Credito Publico, que tinha obrigação de pôr o caso bem a claro, nada fez n'esse sentido, como ainda, ó caso estupendo!, a imprensa republicana não sahiu do mutismo a que se recolheu logo que a campanha começou;

2.º—Que com respeito ás amizades d'esse senhor Mascarenhas pelos *thalassas*... temos conversado. Pergunte o illustre anonymo a esse senhor a reviravolta das suas opiniões politicas no Estoril, logo que appareceram as primeiras noticias da revolução, indague do que fez esse senhor para conseguir a sua nomeação para o logar que occupa, e depois faça-nos o favor de nos dispensar de lermos as suas cartas a respeito d'esse grande amigo e protector dos *thalassas*, que, alvo de uma grave campanha, encontra na imprensa republicana, a começar pelo

«Mundo», o mais imperturbavel dos silencios, como talvez venha a encontrar a mais amavel das defezas.

Continuem os *thalassas* a cultivar amizades assim, e depois... gritem *Aqui d'El-Rei!*... que é para ver se lhes responde ou não... o Presidente da Republica!

Benza-os Deus!...

E gastou o anonymo o dinheiro da estampilha para nos mandar tal carta e fez-nos perder tempo a lê-la!...

Ora adeus!...

EPISODIOS DA PRIMEIRA INCURSÃO

Nove homens sublevam terras de quatro provincias

Entrevista com o capitão João d'Azevedo Lobo

Na primeira parte d'esta entrevista, esboçamos a largo traço, n'um apontamento a carvão para grande tela, o trecho da acção da personagem principal — capitão João d'Azevedo Lobo —, d'este empolgante episodio da primeira incursão monarchica.

Resumimos a firmeza da sua incompatibilidade com a defeção, assistindo ao seu pedido telegraphico de demissão de governador da Lunda, acompanhando o discretamente nas suas passadas de conspirador, pelas ruas de Lisboa, ouvindo — porque o capitão Lobo falla tão alto que não é preciso escutar —, a sua resposta ás tentativas de captação d'um ministro provisório, presenciando a sua passagem pela Praça d'Almeida, a sua galopada para o exilio, os seus tormentos ao ver-se sem armamento, para a missão, recebida, de sublevar as Beiras, e por fim o grito de desesperada audacia arrojando-se para a temeridade da empreza revolucionaria, com uma escolta de oito rapazes, dispostos como elle a dar a vida por uma causa.

Quando elles se puzeram em marcha para a fronteira, estacamos, justamente receiosos de que o modesto espaço, dado á nossa collaboração, não contivesse a extensa belleza d'este emocionante rasgo d'audacia.

Vamos, agora, correr em poz elles, alcançal-os antes da linha fronteira, e nunca mais os largaremos até os ver outra vez a salvo, viver os perigos d'elles, soffrer as suas decepções, commungar nas suas aberturas de triumpho, partilhar a vida errante das ultimas horas serranas.

E, como melhor de quem falla por ter ouvido dizer, conta quem viu, ouçamos o capitão João d'Azevedo Lobo que tudo ouviu: o palpitar do pequeno coração da Patria nas fragas de Monsanto, os tiros de combate de redor da cadeia de Macedo de Cavalleiros, onde elles haviam ido parar, o trovael da derrota, as chuvas da retirada nas lages e na pedrilha da fronteira.

— A bravura e a confiança em mim d'estes meus companheiros — dizia o capitão Azevedo Lobo —, só serviu para os comprometter a todos e arriscar-lhes as vidas, mas n'aquelle momento eu suppunha que podessem servir para mais alguma coisa, porque longe de mim o calcular que a columna de Couceiro não estivesse já no Minho ou pelo menos no coração de Traz-os-Montes, visto como não fôra avisado de qualquer addiamento ou contratempo na marcha, para dentro da fronteira de Portugal. A falta d'armas, eu ia operar com boas palavras, toques e musica, e com o exemplo; nunca fui dado ao *sport* da inacção, nem foi para isso que me ausentei de Portugal; ia, conforme as circunstancias me mandavam ir, mas ia.

— Nem para a defeza pessoal iam prevenidos?

— Levavamos pistolas Browning. Só Tavares Proença e Vaz Preto azevavam cada um a sua bella carabina Winchester. Ah! tambem levavamos, isso enão todos, corças reaes nos chapues e golas do casaco. Para... alvo, iam os bem. E lá fomos.

— Levas d'armas, mas pesados de fé!

— A fé, que levanta montanhas, tambem levanta povoações. A's seis da tarde estavamos em Valverde. Jantamos, e ás oito da noite, continuamos o caminho, montados em muares. Deu-nos meia-noite a bater á cabana do contrabandista Sebastião Farinha, a dois kilometros da fronteira, que queriamos nos servisse de guia. Os hespanhoes, donos dos muares, recusaram-se a passar d'alli, negando o seu sangue castelhano. As muares, que decerto tambem não eram castelhanas, fizeram causa commum com os homens, só conseguindo nós levar duas muares, depois de depositar o seu valor... estimativo: 4.200 pesetas. Numa das muares ia Tavares Proença, impossibilitado de caminhar, e na outra alguma bagagem d'aquella expedição de... 9 homens! A' uma hora e

Transcripções

Tem merecido honras de transcripções, a varios collegas, varios artigos do *Correio*. Assim, transcreveram: *A Guarda*, trechos das entrevistas de Joaquim Leitão com Paul Adam e Gustave le Bon; *A Nação*, trechos da entrevista de Joaquim Leitão com Gustave le Bon; *A União*, d'Angra do Heroismo, um dos nossos artigos *Outros Tempos os mesmos costumes*; e o jornal parisiense *La Patrie*, a entrevista de Joaquim Leitão com Henri Rochefort, dirigindo a *Patrie* palavras muito agradaveis ao nosso collaborador.

essa hora, eu ainda não suppunha que o paz continuasse nas mãos dos republicanos; suppunha-me a secundar um movimento mais forte e mais adeantado.

— Mas por muito adeantada que fôsse a marcha da outra columna, o capitão Lobo ainda não podia contar com ella para o soccorrer a si e áquella gente?

— Não. O meu plano era concentrar-me na escarpada serra de Monsanto, com o povo das freguezias citadas, defendendo-me com as caçadeiras, as armas leaes e tradicionais da Luzitania, secundando assim o movimento que julgava iniciado no norte, e assim provocando a divisão das forças republicanas, e o desnorreamento dos da governança.

Porque se não entrincheirou a guerrilha de Monsanto.

— E porque não levou por deante essa guerrilha?

— Porque quando eu a organisava, a noite trouxe a Monsanto um automovel, que não entrou na povoação, conduzindo alguém que, por um creado, me mandou recado de que seguisse immediatamente para a Guarda, cuja cidade esse alguém ia sublevar. O agronomo Luiz Valente, um dos meus companheiros, desceu a ravina para ir falar ao homem do automovel, mas já não o encontrou. Então, parti com os oito rapazes n'um automovel, que o Vaz Preto puzera á minha disposição, em direcção á Guarda, pela estrada da Louzã, Fundão e Covilhã. No alto de Santa Cruz parei: fôra o ponto indicado pelo «homem-do-automovel» encarregado do levantamento da Guarda. Com grande espanto meu e de todos os que me acompanhavam, não encontrei «homem» nem «automovel», nem nenhum levantamento na Guarda. Assisti a outro levantamento...

— Qual? Onde?

— O levantamento dos mastros para os festejos do 5 d'outubro, na Guarda.

— Assistiu?

— Assistimos. Atravessámos a Guarda em automovel, parámos no meio da cidade, e estivemos a ver a preparação das festas. Como não se via o «homem-do-automovel» que devia pôr no tópo d'aquelles pás a bandeira azul e branca, e como soubessemos, pela gente do logar, que nem «homem-do-automovel» nem o «automovel-do-homem» ali estivesse, deixamos a Guarda, a tempo de escaparmos ás metralhadoras de Castello Branco.

— O quê?!

— Fomos avisados de que tinham sahido de Castello Branco, em nossa perseguição, quatro automoveis com 2 metralhadoras e 30 praças d'infantaria, que estiveram dois dias em Monsanto sem entrar lá dentro do castello.

— Que partido tomou?

— O de me aventurar pelo paz fôra, para fazer a minha junção com a columna de Paiva Couceiro, que eu suppunha ir encontrar nas margens do Douro.

— E rumo?

— Da Guarda fomos por Celorico a Lamego que, ao chegarmos, estava festejando o 5 d'outubro, com um cirio civil, a que assistimos. Engrossamos assim a concorrencia da festança, e é de crer que os correspondentes das gazetas dissessem no dia seguinte que *ao cirio assistira uma entusiastica multidão e pessoas gradas do concelho, vindas nos seus automoveis*. Em Lamego estivemos conversando com policiaes e soldados, e assim que acabou a procissão civica abalámos. Mas a 8 kilometros de Lamego, o *chauffeur* dá por falta de gazolina, e ahí temos nós de voltar a Lamego por ella.

— Os senhores não se lembravam de que um telegramma, um encontro casual d'um antigo camarada, d'um antigo amigo e actual carbonario o reconhecesse a si ou a alguns dos rapazes, e desse o alarme?

— A' espera de ser presos a todo o momento iam nós. Mas que haviamos nós de fazer? Quem se esconde ou se agacha não faz revoluções. Quando me atirei para fôra do paz, bem sabia que jogava os galões; quando me atirei para dentro da fronteira bem sabia que jogava a vida, não era só a liberdade.

E, sem mais reparo, o capitão Azevedo Lobo continuou:

— Tendo de voltar a Lamego, o Luiz Valente foi-me saber que noticias havia da fronteira. Informaram-o que um tenente-coronel Costa, que estava em Lamego, recebera um telegramma dizendo que *as coisas iam muito mal na fronteira*. Se iam mal para o tenente-coronel, é porque iam boas para nós.

— E os senhores com esse descanço todo!... a saber noticias, a comprar gazolina, a assistir a cirios, como se tivéssemos comsigo o «Exercito de Italia», a *grande armée*? É preciso ser temerario!...

— Não, meu amigo! Não é preciso nada d'isso. Basta ser homem e conhecer este axioma: não se morre duas vezes. Comprada a gazolina, dissemos adeus a Lamego, e mettemos á margem esquerda do Douro para passar á Ponte do Pocinho, evitando a ponte da Regoa que sabia estar guardada, e seguir para Alijó e Murça.

O que os esperava na Beira-Baixa.

— Onde?

— N'um casinhoto isolado da serra de Monsanto.

— Com quem contavam?

— Com alguns amigos a quem Tavares Proença escrevera para se concentrarem no tal casinhoto.

— E lá estavam?...

— A' nossa espera, estavam...

— Muitos?...

— Muitos saccos de adubo chimico!...

Para alguma coisa serviram. Podiam servir para barricadas; allí serviram de cama ao nosso cansaço. D'ahi a pouco, chegou o padre de Monsanto, a informar-nos que os taes amigos haviam fugido para Hespanha, por as autoridades de Castello Branco já terem conhecimento da nossa entrada, denunciada pelo consul de Ciudad Rodrigo. Isso não impediu que a nossa numerosa columna percorresse metade do paz, como vai ver. Da entrada da columna principal pelo norte, nada constava allí. Tambem não havia, em Monsanto, nem sombra de resposta a umas cartas enviadas a dois camaradas, pedindo-se-lhes que estivessem em certo ponto, para auxiliarem o movimento na persuasão em que estava, e estou ainda, de que só esperassem momento oportuno para bem servir a Patria, na persuasão em que estava, e estou ainda, de que não eram dois mercenarios assoldados a tantos centavos por dia, como quaesquer malandros!... (E o capitão João d'Azevedo Lobo repetiu o grande topico dos seus nervos): *como quaesquer malandros!*...

— De maneira que, total: nem armas, nem amigos, nem bravos, — a sombra dos tojos?...

— Tal qual. A surpresa ia caminhando com o dia e a marcha. Fomos para uma serra proxima, e allí, de accordo com o valente prior de Monsanto, resolvi levantar o povo d'aquellas cercanias. Ao mesmo tempo, Tavares Proença enviava ordens para que se levantassem os povos de Medelim, Alcafozes, Aranhos e Salvador, levantamento que seria secundado pelo dos povos da Aldeia de João Pires, da Aldeia da Joanna, Fontões, Monfortinho, Idanha-a-Velha, Pênia Garcia, sufficientes para resolver qualquer indecisão do batalhão de Penamacor, se é que havia indecisões.

— E fizeram-se esses levantamentos?

— Fizeram. O que prova a vasta influencia de Tavares Proença na região. A's 9 da noite, e no meio de um enthusiasmo louco do povo, a Monarchia era solememente implantada na villa de Monsanto.

O estalar de morteiros fôra o signal convencional para os outros povos se levantarem. E como seára madura a que o lume chega, e se comunica de lavra em lavra, era de ver aquellas boas aldeias responderem esta á de cá, e despertar a de além, com o rebato dos sinos e o queimar dos morteiros, a seguinte responder a essa, de passo que com o seu rumor de sublevação rebeliava a outra, n'um echo de jubilo e de communhão, que ia de serra em serra, alastrando o districto, de fogacho em fogacho, alumiaando a esperanza! Ah! o povo nunca falta. Esse não tem soldo, tem Patria!... Antes, — já que inutil foi por desacompanhado —, o levantamento d'essas aldeias houvesse falhado. Escusavam de ter sido tão densas as levadas de presos! Mas a

Como o povo e os soldados os reconheciam.

—E tudo isso sem encontrar forças da republicana, um automovel de carbonarios, um administrador de concelho?

—Não... carbonarios, n'esses dias, não se viam muito!... Em Murça, havia um destacamento, commandado por um subalterno, que veio muito espantado ver a passagem do automovel, sem saber o que era. Emquanto compravamos mais gazolina, a gente de Murça, o destacamento de Murça, o povo todo rodeou-nos o automovel. Só nos não appareceu a Porca de Murça, acanhada, coitada! de nos apparecer vestida de verde, ella que fôra toda a vida thalassa. O povo, emquanto se despejava a gazolina, discutia: «Serão republicanos ou monarchicos?» E uns disseram: «Pharoes apagados, são monarchicos, com certeza!»

Força armada cercalhes o automovel.

—E eram!

—Eram, são e serão!... De Murça fomos a Palheiros, onde fomos recebidos com vivas á Monarchia, e onde comemos alguma coisa. Desde manhã que não tinhamos feito senão papar leguas: alimenta pouco. Estavamos fracos. De Palheiros, cahimos em Mirandella que nos recebeu com illuminações e balões á veneziana commemorativos do 5 d'outubro. Alli soubemos que o batalhão de voluntarios (carbonarios) de Mirandella partira para Bragança, a reforçar a guarnição, porque Couceiro estava na Serra da Corôa, e atacara Vinhaes. Rompemos para a frente, e ás 10 horas da noite, chegavamos a Macedo de Cavalleiros. Mas ahí a auctoridade administrativa cercou-nos o automovel com força armada, e eu e os meus companheiros fomos presos e levados para a cadeia da villa.

O povo de Chacim atacando a cadeia, para libertar os presos monarchicos. Combate do povo e tropa.

—Era de esperar.

—A's onze da noite, não havia meia-hora que estavamos presos, a gente da povoação de Chacim, commandada pelo abbade, homem de um incontestavel valor e dedicação á nossa causa, atacava a cadeia. Nada puderam fazer. Armados de caçadeiras, não podiam de modo algum resistir ás armas K 8^{mm} m 86 da policia e guarda-fiscal que defendiam a prisão, commandados pelo secretario da administração. Em face de tal resistencia, o abbade de Chacim retirou, mas para se refazer.

—Meu, caro capitão: um padre muito popular n'uma região portugueza, disse-me ha poucos mezes, passando em Paris: «Em Portugal só não tem medo quem usa saias: mulheres e padres!»

—Não ha duvida. E onosso abbade de Chacim bem o provou. Retirando-se, não desanimou: toda a noite trabalhou, arregimentou, juntou gente. E ás 6 horas da manhã reapareceu com mais cinco abbades e influentes civis, entre os quaes o Padre Pinto e o influente civil Sá de Miranda, descendente do grande poeta nacional Sá de Miranda, á frente de 400 homens, armados de caçadeiras e machados com que arrombaram as portas da cadeia onde estavamos, conseguindo por-nos em liberdade.

—Os senhores contavam com isso?

—Não, senhor. E quando alta manhã sentimos as pancadas dos machados nas portas da cadeia, a nossa primeira impressão foi de que iam ser victimas d'algum attentado dos «hottentotes vermelhos»... Travou-se combate do povo com a força armada, e depois d'um fogo vivo, em que se trocaram para cima de 300 tiros de parte a parte, a policia, a guarda-fiscal e carbonarios foram postos em fuga, tendo nós 2 baixas: 1 morto, e 1 ferido, em ambas as mãos.

—O povo, o grande povo!...

—O povo não falha. Não tem soldo, tem Patria! repetiu o capitão Azevedo Lobo.

Tomada a bastilha de Macêdo de Cavalleiros proclamou-se a Monarchia.

—Uma vez em liberdade saíram de Macêdo de Cavalleiros?

—Uma vez em liberdade, proclamamos a Monarchia. Fomos á quitanda do administrador do concelho, que se escondeu debaixo do balcão, e mandámos-lhe fazer duas bandeiras nacionaes. O homem disse que não tinha mas, comprehendendo que eram precisas, em menos de um quarto de hora, fabricou as duas bandeiras azues e brancas. Hastei uma na Camara Municipal e entreguei outra ao povo, sendo queimadas por mim as bandeiras republicanas. Terminada esta solemnidade, quando me mettia no automovel — manhã de 6 d'outubro — para me dirigir a Bragança, de que já então julgava

a columna de Paiva Couceiro assenhoreada, surgiu na estação do caminho de ferro um comboyo, vindo de Bragança, que desembarcava oitenta praças em minha perseguição. Era a segunda vez que a minha «numerosa columna» tinha a honra de incommodar o exercito. E' sempre assim: quem mais trabalha são os perseguidos. O exercito se vae ter commigo a Monsanto não teria andado tanta legua á minha procura. Desencantos, descoincidencias...

O capitão Azevedo Lobo consegue communicar com Paiva Couceiro.

—E o que fez?

—Não recebi essas visitas. Emquanto o povo, com a bandeira, se refugiava na serra proxima, eu seguia no automovel, levando commigo o nosso heroico libertador abbade de Chacim, pela estrada que serve Bragança. Em Valle de Nogueira, gente chegada de Bragança, passa palavra que effectivamente Bragança supuzera que a columna do capitão Paiva Couceiro se dirigisse para alli, no dia 4, mas que elle inflectira para Vinhaes, abandonando a resolução de tomar Bragança.

—Como sabe, não foi nada d'isso. Por tração ou incompetencia dos guias, a columna de Paiva Couceiro passou a noite n'uma tormentosa marcha de oito horas, com um unico alto de dez minutos (para um reconhecimento) zigzagueando a serra; e, quando amanheceu, os guias tinham o posto na Serra da Sanabria, e não em Bragança. Bragança só podia ser tomada por surpresa. Couceiro bateu-se brilhantemente em Vinhaes, não teve ahí adhesões, Bragança estava reforçada, foi, pois, obrigado a seguir para Cazares.

—Hoje sei tudo isso. N'aquelle momento, sabia o indispensavel: Couceiro não estava em Bragança mas em Vinhaes. Abandonei, por conseguinte, a ideia de ir a Bragança. A alavanca da direcção do automovel partiu-se. Guardei-o n'um barracão da localidade, onde a Republica o foi depois buscar, andando a servir-se d'elle com aquella semceremonia que os rapazes se servem das uvas dos visinhos. Apeado, metti á serra em direcção a Vinhaes, onde tambem não pude chegar porque já corria por lá a voz de que Couceiro saira, e Vinhaes fôra, depois d'elle sair, reforçada por infantaria e cavalaria republicana.

—Mas não communicou com a columna?

—Procurei por todas as formas e feitos ter noticias da columna do commandante, e a ella unir. Pelo favor da noite, mandei tres homens, a horas diferentes, ver se conseguiam encontrar a columna, entregando-lhes um bilhete em que pedia instrucções ao commandante.

—E foi feliz?

—No dia seguinte voltava um dos homens...

—Tão depressa?!

—Eu estava na serra, em sitio proximo de Vinhaes, uma legua, se tanto. No dia seguinte, pois, um dos homens voltou com este bilhete de Paiva Couceiro, em resposta ao meu: «Estou no momento em Cazares (ao N. de Vinhaes) perto da fronteira. Estão-me perseguindo, e por isso não posso dizer para onde vou agora. Quero fazer esperar o portador, mas elle diz que tem pressa.» No outro dia procurei obter mais, embora indirectas, informações, tendo como resposta que não pensasse em tomar a direcção da columna, porque tropas de terra e mar, e 300 carbonarios exerciam uma observação rigorosa.

Vinte e dois dias a monte.

—E depois?

—Depois conheci todos os horrores da vida corrente. Hoje n'um palheiro, amanhã n'uma choça, além n'uma lareira, passado-manhã á chuva. Ah! mas conheci tambem o que é o Povo, o grande Povo portuguez.

Andavamos serra acima, a corta-matto, por fragas e por chuvas, e quando, ao acaso, batiamos a um casebre, para onde uma luzita nos guiara de longe, nunca receámos uma traição nem uma denuncia. Batiamos, entrávamos. E, quasi sempre gente pobre, serrana, observávamos, tinha o palpito de que eramos os foragidos de que fallavam todas as redondezas, e com uma caridade christã de enternecer, levavam-nos para a lareira, davam-nos das suas sôpas, faziam-nos umas camas, e tinham o cuidado de nos seccar as roupas, para de manhã, ao vesti-las, as não sentirmos ao menos tão pesadas. Quando eu lhes dizia: «Nós precisamos que ninguém por aqui saiba do nosso rastrol», respondiam: «Estejam descansados, creaturas! Deus os trouce, Deus vá com vócemecês, para os trazer de caminho!» Vinte e dois dias vivemos essa vida nomada, que terminou por uma serie de cinco dias perdidos nas serras, com os guias inuteis, sob chuvas torrencias, passando ribeiros, que estavam transformados em rios, atravessando levadas com agua pela cintura, até que eu, Tavares Proença e José Fróes, fomos sahir a Verin, pela Mesquita. Outros foram ter mais tarde a Madrid, a Vigo,

conforme poderam e quando poderam, porque a retirada não se fazia facilmente juntos. Um, Antonio Graça, prolongou a sua odyssea, andou vestido de campones e de mendigo, esteve no Porto, foi a Lisboa, viajou com carbonarios, frequentou os cafés da Baixa, passeou o Chiado, viu, ouviu, e, assim que pôde, voltou.

—Conheço e espero contar essa audaciosa jornada.

De facto, essa romantica jornada de Antonio Graça, é a continuação logica d'esta entrevista, como o seu arrojado e o prolongamento do rasgo da audacia d'esta incursão das Beiras, tentada por nove homens que atravessam as provincias da Beira-Baixa, Beira-Alta, Douro e Traz-os-Montes, pisam terra de cinco districtos, — Castello Branco, Guarda, Porto, Villa Real e Bragança — proclamam a Monarchia em varias povoações, são presos, travam combate e libertam-se na mesma noite da prisão, põem em fuga a força armada, obrigam o administrador do concelho, que os prendera horas antes, a cozer por sua mão bandeiras azues e brancas, dispendem toda a audacia, toda a temeridade, todas as bellezas da coragem, e sobre este esforço inutil, e a retirada gelada das serras, esses homens voltam muito simplesmente, como qualquer funcionario que, após uma socegada manhã de repartição, regressa a casa, de posse do seu casacão e do seu guarda-chuva.

Joaquim Leitão.

Os bons tempos da tropa

O sargento Felix

Um exemplar magnifico aquelle Felix...

Parece-me estar a vê-lo á frente da escola de recrutas, pimpante, apumado, as mãos atraz das costas, a berrar, em voz de stentor:

—A' voz de meia volta, pé direito com forrça á rectaguarda... Tudo ao mesmo tempo!... Escola: Meia-volta!...

E logo iracundo:

—Tudo conta: Um!

E a escola em côro:

—«Um!»

Mas Felix, não se satisfazia, e bramia:

—Com mais forrça: Um!

E a escola, dando o dô de peito:

—«Um!»

Logo que era attingido o diapasão requerido, logo que a contagem lhe soava bem, Felix, n'um gesto largo de maestro, todo elle entregue á sua arte, todo elle inflamado, dava a voz:

—Descaaan... çar!

E, logo, em quatro pernadas, n'um golpe de vista largo pelo auditorio (que nunca faltava) atirava, á guisa de louvor e de quem está plenamente satisfeito:

—Sucia de medusas!...

A verdade é que ninguém jámais percebeu o que elle pretendia dizer com aquelle medusas... Mas, francamente, a galuchada gostava immenso do louvor, e era doida pelo nosso sargento Felix...

Pois era um magnifico exemplar o nosso Felix...

Homem de poucas letras, d'isso não ha duvida.

Por exemplo: sempre que se precisava do Deposito regimental, munições, ou fossem de bala simulada ou cartuchos de guerra, Felix redigia assim: «Requisita-se á arrecadação geral tantos cartuchos para consumição das praças d'esta companhia.» Tambem jámais alguém o viu escrever serviço interno senão serviço «eterno».

Mas, a par d'estas calinadas, era o que se chama um instructor de mão cheia, antigo padrão, é certo, mas conseguindo dos seus recrutas o que nós nunca eramos capazes de conseguir... Simplesmente admiravel!

Depois, Felix tinha um processo só seu, absolutamente inimitavel, um phraseado *sui generis*, que o recruta apanhava no ar e logo comprehendia; e, a par d'isto tudo, um methodo esplendido: toda a instrucção por elle ministrada, mettia gravuras e mettia côro.

Felix a ensinar «as continencias e honras militares» era um pratinhô...

Tratava-se da continencia devida a El-Rei? Pois muito bem: Felix distribuia a escola pela parada fóra.

Aqui era um grupo de praças, que fingiam conversar *distrahidamente*. Ali uma sentinella isolada. Além uma guarda de cabo. Mais adiante um fachina, que apressadamente ia levar uns papeis a assignar, uma dispensa do recolher, etc. Tudo recrulas, é claro, e recrulas da sua «escola»...

Disposta a *mise-en-scène*, os figurantes a postos, Felix ia lá para longe, tomava os seus grandes ares, todo elle se emproava e, sempre de mãos atraz das costas, annunciava:

—«Vae passar Sua Magestade El-Rei!... Eu sou Sua Magestade El-Rei!... Attenção!»

E repetia, gravemente:

—«Vae passar Sua Magestade El-Rei!... Tudo repete *alto* e com forrça.

E, a escola, em unisono e a plenos pulmões—os fachinas, as sentinellas, as praças que *conversavam distrahidamente*—...

—«Vae passar Sua Magestade El-Rei!...»

E Felix avançava impavido, imitando á maravilha, as passadas largas de El-Rei D. Carlos, saudando militarmente com dois dedos, á *allema*, para a direita e para a esquerda—entre os brados «A's armas!» e as continencias rasgadas a 40 passos...

Finalmente, tudo ao vivo e com *estampas*, e... não havia escola melhor que a do sargento Felix...

Aposto que o leitor não sabe, como elle conseguia, a firmeza absoluta das praças e a sua attitude marcial debaixo de fórma. Pois era d'uma maneira muito simples, como se vae vêr:

A parada dava sobre o Tejo. Elle enfileirava a escola, dando um dos flancos ao rio. Depois, segundo o costume, vinha para a frente dos recrutas e recommendava, no tom de quem não admite confusões, espaçando bem as palavras:

—«O soldado na fórma... está... na posição de *sentido* (pausa)... de *sentido*... (pausa)... Na posição de *sentido* está-se com o corpo direito, a cabeça bem levantada e olhando bem na frente, as mãos ao lado, os calcanhares unidos, etc...»

...E *ninguém méche!*... *Ninguém méche!* Senão...»

E dava a voz de *sentido*. Corrigia as posições dos diferentes homens e vinha para a rectaguarda da escola. Depois de se certificar que tudo estava firme como uma rocha, monologava em voz alta, olhando a barra:

—«Mas que lindo barquinho que além vem a entrar!... Como elle traz as suas vélas enfunadas! Que belleza! (E olho na escola) Que maravilha!...»

N'esta altura, era impossivel que alguns dos galuchitos, mais curiosos, não voltasse a cabeça... para vêr...

O' diabo, que tal fizeste!

Felix, iracundo, *terribil*, a espumar ira, rôxo de colera, investia de punhos cerrados sobre os malaventurados, soltando o seu grito de guerra:

—«Oh! Seus Cannaviaes de Cannas!

... Que os raácho, como a uma melancia de pataco!»

E, apoplético, com as cordoveias do pescoço inchadas, rugia, na frente da escola, dando esticções aos braços.

—«Firme! Firme!»

E, apesar de nunca haver tocado com nm dedo n'uma praça, ninguém mais pensava em mecher uma pestana que fôsse, cahisse muito embóra o Ceu e a Terra, dissésse Felix, quantas vezes lhe apeteceesse:

—«Mas, como elle traz as suas vélas todas enfunadas!»

Então Felix, triumphante, mandava *descansar*.

E tal como Bonaparte com o seu «Je suis content de vous»—risonho, commentava, como a fazer uma festa aos seus rapazes:

—«Sucia de Medusas!...»

Pobre Felix! Bello Felix!
O que será feito d'elle?
Daria tambem em Carabonário?!
Era o que me faltava ver...

Saturio Pires.

A proposito das suffragistas inglezas

FEMINISMO

Quem está deitando por terra a causa propria a ponto que de tão apregoado grito de revolta não restará dentro em pouco senão o ridiculo?

Ella, a mulher de hoje, a «suffragista» enfiada, irritante, mesquinha, de ambições vagas e affectação bulhenta, pueril, sem ideal, sem prestigio, producto doentio do seculo XIX, lançando á face de quem a queira ouvir todo o vasio da sua pequenina mentalidade de avesita saltitante que, de pouso em pouso, lá vae esvoaçando pelas brumas baixas do modernismo, sem ver que além, nas alturas, ficou a outra, o typo, sorrindo enigmáticamente, espectadora impassível, a verdadeira, a grande, a que foi, a que é, a que ha-de ser, aquella que confia, certa de que a civilização moderna tudo lhe concede dentro do seu papel de mulher, não pretendendo a victoria e regeitando do seu seio, como inutis, nocivos e perversos esses entes de ideias confusas que preferem a rua, a populaça, o escandalo e o ridiculo á dignidade que lhes compete, intitulado-se pomposamente: «mulher moderna»; aquella que sabe que no dia em que a nação carecer realmente do seu voto ella o ha-de ter, o ha-de dar sem luctas nem esforço. Porque esse passo está dado: a mulher tem o seu logar garantido na marcha da civilização, ajudando tanto como o homem ao desenlace do Progresso que corre dia a dia. Tanto como o homem? Mais, porventura: ella o educa, ella o dominou sempre, alma que de tanto cuidar por elle desabrochára, flor selecta, se abria em florescencias claras vida-fora, á luz do seu sceptro de sacrificio e bondade, em escala ascendente, o espirito do homem subira, abençoando-a, senhor mais a mais da centelha divina, até Deus.

Fraca entre os fracos, a sua arma tornara-se invencível. Feliz, triumphava consciente. Infeliz, guiava victoriosa.

Guiava e guia, hoja como sempre: basta conhecer-se uma familia de pescadores em Portugal, por exemplo, para se ver como dos dois rudes, o homem e a mulher, incultos ambos, filhos da natureza, ella, a que velou em noutes de angustia, a que se sacrificou, a que soffreu, a que implorou Deus nas horas em que o marido voltava da taberna, meio-abrutado, a que enguliu as lagrimas em silencio e fitou o Destino com altivez, ella, a fraca, a impotente, foi quem evolucionou, purificada, elevada, esclarecida pela dôr, tornando-se n'esse ente de previdencia e conselho, apoio certo no meio da desgraça, leme do barco com a constancia forte da sua superioridade.

Fôra da tragedia da miseria, hoje em dia em terras «civilizadas» toda a mulher que queira trabalhar encontra os seus direitos estabelecidos e liquidados, mormente n'essa Inglaterra de onde surge a novidade estonteadora (pois desanima) do processo «suffragista». E' portanto assumpto que nem já se discute. (A não ser que o producto — suffragista — não tenha justamente vindo dar azo a que a mulher moderna seja declarada irresponsavel e indigna dos privilegios que requer).

Não vem a proposito discutir-se aqui a utilidade ou não utilidade do voto das mulheres; de resto, não é novidade, existindo na Australia. Mas pergunta-se (abstrahindo do caso especial das suffragistas): não estará a mulher a pre-

parar-se por vontade propria um futuro difficil, sobrecarregando-se de responsabilidades cujo alcance lhe escapa, que pesarão em demasiado sobre a sua fragil resistencia e a darão por vencida?

Quando justamente o que ella pretende é a vaidade (absurda) de mostrar que pode hobrear em tudo com o rival, o homem, (que, apesar do treno de tanto seculo n'esses ramos de actividade que ella lhe quer usurpar, quanta e vez é arrastado na torrente tormentosa em plena lucta)? E quando um dia o vier a ver não será tarde?

«Mas quem corre por sua conta e risco não cança». Em todo o caso se a mulher ingleza pretende dirigir a politica do seu paiz, este episodio *modern-style* das suffragistas é um symptoma triste: 1.º da sua pouca aptidão para a politica; 2.º do quanto se está longe ainda d'um estado de civilização inevitavel em que a mulher, com instrucção equivalente á do homem, sciente do seu poder e serena de força intellectual aguarde o momento em que a venham reclamar.

Se alguma d'estas amotinadoras que, justo é dizer-se, com todo o seu ridiculo e a maneira revoltante de como procedem tem em si o estôfo de heroínas, em vez de descer á rua a combinar pirraças infantis se puzesse de pena na mão ao lado de algum philosopho (não são elles que preparam as revoluções, as verdadeiras, as que são a emoção de um povo que lh'a faz adivinhar como arauto escolhido?) e por meio de logica conseguisse convencer a maioria da necessidade do voto das mulheres, a causa ficava ganha dignamente, envolvendo n'uma luz de grandeza essas que hoje não ficam menos do que escoraçadas.

Como alguém disse algures, as revoluções não se fazem, nascem. Mal d'aquellas provocadas em momento inoportuno, inutil, não sentido: não vingam; derrubam sem dar fructo...

O caso das suffragistas, a não ser que as cousas mudem repentinamente, não passa de um triste fiasco.

E' curioso como a ingleza flegmatica foi tão «feminina» de gesto tão infeliz de attitude: lembra um mosquitinho inoportuno que ao cabo de uma pequena hesitação, por dô, se esmaga com o levantar de um dedo.

Estão myopes as suffragistas: não vêem o que ha a fazer na vida, quanto a mulher moderna, após as victorias alcançadas, tem a explorar. Não vêem que as imposiçõesinhas massadoras de um insignificante Lloyd-George não valem o dispendio da sua coragem e da sua energia e que a Inglaterra um dia, quando tivessem adquirido pela calada um cerebro d'homem, lhes pediria o suffragio, sem terem que ellas o reclamar como direito discutivel.

A força é o direito, todos o sabem.

E como esse direito da mulher tem um logar tão preponderante n'este seculo XIX que findou e dó qual somos, ao que aspira afinal a mulher moderna que tão relativamente pouco ainda tem aproveitado, quer dizer explorado d'esses tão apregoados direitos?

Independencia, liberdade de acção?

Tem-a. Pelo menos o bastante para a expansão da sua energia, para a utilização das suas faculdades, para poder viver a vida com direitos eguaes aos do homem, dentro, claro, do seu campo.

Mas qual é esse campo de acção apropriado á mulher?

Todo aquelle que não esteja em opposição com o seu temperamento de mulher; todo aquelle que a não pervirta, que não tenda a fazer desaparecer o velho typo da mulher superior, cujas características são inalteraveis; todo aquelle que a não torne n'um ente deformado, physica e moralmente e que chame sobre si a piedade. Piedade! Será isso que querem as ultra-modernas, as desvairadas, indignas de um seculo XIX? Em vez de berrarem como creanças com birra:

«Homem, sou igual a ti!» que con-

sultem a razão e a dignidade propria e exclamem com mais verdade:

«Somos dois entes diferentes com direitos eguaes em campos differentes».

O que importa depois de tanto ponto ganho e tanto terreno conquistado é que a mulher moderna não se porte como uma *parvenue* esquecendo por completo os seus pergaminhos de rainha.

Em vista dos *heroicos feitos* da «suffragista», que haja schisma: que o termo *suffragista* seja adoptado como especifico e que esse bando de tontinhas forme casta á parte e corra ao futuro absurdo que o espera.

A outra, do alto do seu throno, fitando vastos horisontes, luminosidades intensas, vida-fôra, continuará a sorrir enigmáticamente, murmurando:

«A'vante! A' acção, mulher moderna!»

Gil Eanes.

SEMANA MUNDANA

UM POUCO DE TUDO

— Os srs. Marquezes de Alegrete já regressaram á sua quinta, em Torres Novas.

— Está em Paris o sr. Visconde de Santarem.

— Está na Madeira o sr. Conselheiro José Ribeiro da Cunha, antigo Governador civil do Funchal.

— Parte segunda-feira proxima para a Allemanha o nosso amigo Vasco Ferreira de Brito (Ermita).

— Com sua filha, a senhora D. Constância, regressou ao seu palacete no Funchal a senhora Condessa de Torre Bella.

— Parte hoje para Coimbra o sr. Dr. Rodrigo de Queiroz e Mello de Souza Pinto (Riba-Bestaça).

— Tem estado em Lisboa o sr. Marcos Vallado (Tameirão).

— Regressou da Suissa a senhora Marqueza de Souza Holstein.

— Acompanhado de sua esposa tem estado no Porto o sr. Frederico de Cerveira.

— Partiram para o Funchal, acompanhados de suas esposas, os srs. Luiz e Fidelio de Freitas Branco.

— E' esperado no fim do mez em Paris o sr. Marquez de Lavradio.

— Retiraram de Paris para S. Jean-de-Luz o sr. Eduardo de Fiuza e Lencastre e sua ex.^{ma} esposa D. Maria Abrantes Fiuza.

— Partiu quarta-feira ultima para Madrid, o nosso illustre collega e bom amigo sr. Antonio Paes de Sande e Castro.

A' despedida, vimos na *gare*, entre outros, os snrs.:

Antonio de Campos, Dr. Antonio Kendall Ramos de Magalhães, Humberto Mendes Correia, Francisco de Figueiredo Cabral, Rodrigo de Souza Pinto, Luiz Acciainoli, etc.

CONCURSO HYPPICO

NO CAMPO DO BESSA

Como sempre, muito animado o concurso hyppico no Bessa.

Os camarotes e bancadas estavam repletos de senhoras, que davam um aspecto elegantissimo e alegre ao campo.

Ao acaso, notamos as senhoras:

Condessa de Castro, D. Henriqueta Viterbo e filha D. Virginia, D. Maria José Guedes Pereira e Caceres e filhas D. Maria e D. Christina, D. Thereza Silva Vasconcellos Porto, D. Maria Thereza Soares, D. Maria Ayres de Gouvêa Allen (Villar d'Allen), D. Maria Celestina Costa Allemão Teixeira, D. Beatriz Ayres de Gouvêa Alcoforado, D. Margarida Vieira (Guilhomil) e irmã D. Maria Thereza, D. Beatriz de Paiva Coutinho (Seixo) e filhas, D. Felismina Pinto de Mesquita e filha D. Margarida, D. Camilla de Brederod Guimarães, D. Maria Luiza e D. Eugenia Woodhouse, D. Maria Helena Woodhouse Passos, D. Ignez Cabral e filha

D. Ignez, D. Sophia Serpa Ferreira e filha D. Maria, D. Joaquina Aveliz Pinto Basto e filha D. Maria Francisca, D. Maria Filomena Peixoto Aragão e filha D. Maria Luiza, D. Sophia Illuminato de Mello Peixoto, D. Sophia de Meyrelles e Vasconcellos, D. Julia e D. Magdalena de Figueiredo Cabral, D. Paulina de Menezes Roma Machado, D. Maria dos Prazeres Palma de Vilhena e filha D. Maria Claudia, D. Lucinda Wandschneider Ferreira e filha D. Lucinda, D. Maria Henriqueta Alcoforado Cerveira, D. Luiza Ivens, D. Etelvina Mendes Corrêa e filhas D. Elsa e D. Maria Luiza, Madame Sá Pinto Sotto-Mayor e Madame Rangel.

E os snrs.:

Conde de Castro, Manuel e Francisco d'Albuquerque Pereira e Caceres, Alberto Rebello Valente Allen (Villar d'Allen), D. Jorge de Menezes, Alberto R. Ayres de Gouvêa, Eduardo de Serpa Ferreira, Alvaro Ayres de Gouvêa Osorio, Francisco de Palma de Vilhena, José da Cunha Lima, Dr. José Pedro Teixeira, Dr. José Corte-Real, Drs. Luiz e Francisco Figueiredo Cabral, Francisco de Meyrelles, Drs. Antonio e Humberto Mendes Corrêa, Dr. Simeão Pinto de Mesquita, Antonio Bernardo Ferreira, Diogo Sobral, Joaquim Ayres de Gouvêa Allen (Villar d'Allen) e irmão Alfredo, João Paulo Aragão, Carlos Roma Machado, Frederico e Manoel Wan-Zeller, Eduardo Serpa Ferreira, Luiz de Menezes Acciainoli, João d'Albuquerque e Caceres, Frederico de Cerveira, Miguel Palma de Vilhena, Camillo de Castello Branco, Primo de Sá Sotto Mayor, General Antonio de Moraes Pinto Sarmento, Francisco Wan-Zeller Cabral, Arnaldo d'Oliveira, Ruy Vieira (Guilhomil), João Corrêa de Bettencourt (Bettencourt), Luiz Viegas, Frederico de Ancède, Carlos Teixeira, Joaquim Rangel, D. Luiz e D. Ruy da Cunha Menezes, Alberto Cardoso de Menezes (Margaride), Francisco Brandão de Mello, Agostinho de Meyrelles, Antonio Teixeira de Menezes e José Sarmento Beires.

FALLECIMENTO

— Falleceu o general de divisão, reformado, Saturio Augusto Pires, pae do coronel reformado Amilcar Saturio Pires, e avô do nosso querido collaborador e amigo, tenente Eurico Saturio Pires, a quem endereçamos as nossas condolencias.

— Tambem falleceu em Paris a veneranda mãe do sr. Visconde de Pernes.

DESASTRE

Encontra-se doente em Paris o sr. Visconde dos Olivaes (João) que ha dias foi victima d'um choque d'automoveis. O sr. Visconde dos Olivaes descia a Avenue Klaber quando de encontro ao automovel em que ia se arremessou um outro automovel de praça. O crystal deanteiro do automovel partiu-se, cravando-se os vidros na cara do sr. Visconde dos Olivaes. Pensado pelo sr. dr. Bensaude, apesar de ter perdido muito sangue, pôde recolher á sua casa, 4, Faustin-Hélie, Passy, onde tem sido muito visitado. Apesar de não ser grave o seu estado, ainda por muitos dias não poderá sair.

Desejamos-lhe promptas melhoras.

PERFUMARIA FINA

PRAÇA DE D. PEDRO, 101

LISBOA

RECEBEU novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes e pós de arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabelo, dando a côr natural; sortimento de elixires, pasta, pós dentrificicos.

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE 2:777

LISBOA

A Democracia e o Suffragio Universal

Ha uma verdade que geralmente é pouco attendida: é que o suffragio universal, aliás como qualquer outra formula de suffragio, é a cousa menos democratica que se possa conceber. Visto eleição significar escolha ou preferencia e corresponder á concentração dos poderes de muitos nas mãos de poucos segue-se que, tanto o processo como a noção insubstentáveis se appoia, são heresia que começa por estabelecer como dogma a perfeita egualdade politica dos cidadãos. Como solução unica com ella compatível essa egualdade reclamaria a adopção do sorteio como systema de recrutamento de legisladores e de governantes; se é que, como nos parece, a democracia transige em reconhecer a indispensabilidade de uns e de outros.

Tambem por amor da discussão já saltamos o outro degrau do altar democratico — o principio da completa liberdade politica do mesmo cidadão — porque esse tropeço, já o vimos, exclue totalmente a sujeição do individuo a qualquer supremacia e tornaria impossivel a função governativa da qual não desistem por enquanto, mesmo os demagogos, bons 99 centesimos do total da phalange que, pelo contrario, bem se queiosos do mando se manifesta.

O melhor, portanto, depois de assim terem sido sublinhados uns pontos absurdos da doutrina, é por os temporariamente de parte para podermos examinar as restantes proposições de que ella é formada — e darmos depois a todos, de uma vez, o mesmo destino. Continuemos, pois.

Como as cousas são sempre o que são e ninguem pode esperar que o talento da redemptora democracia dê talento aos pobres d'espírito, decisão aos fracos e saber aos ignorantes; como a função de governar, por mais democraticamente que venha a ser exercida, constituirá sempre a mais difficil de todas as sciencias e a mais subtil de todas as artes; ninguem, nem mesmo o mais delirante

demagogo, deixará de querer que o poder seja exercido pelos mais talentosos. Esta aspiração irresistivel, derivada de necessidades praticas inexoraveis, leva os demagogos á grande transigencia significada pela eleição. Entrevendo, parece, que com o andar dos tempos e pela força das cousas esse systema de recrutamento conduzirá necessariamente á formação de uma oligarchia dos mais habéis que em suas mãos deterá todo o poder de elaboração e de administração das leis, isto é ao regresso aquillo que se passa na actualidade odiada, os demagogos tomam posição para defender a sua esfarrapada these em um ultimo reducto do qual fazem fogo com esta afirmação: democracia será um estado de cousas politico sob o qual, propenha a minoria dos talentosos aquillo que propuzér, a maioria democratica só ratificará o projecto de lei que houverem filhado com voluntaria approvação dos seus objectivos e dos meios recomendados para a realisação d'estes.

E ficam muito encantados com este artificio os bons dos demagogos. Sedulicos maliciosamente o plano machavelico de aproveitarem o incontestavel talento do menor numero em exclusivo proveito da sua querida maioria de incapazes a qual só acceitará o que a ella propria convier e regerá implacavelmente tudo quanto seja de vantagem á minoria habil — não volte esta, de conquista em conquista, a apossar-se novamente do poder. Esta conclusão sorri de tal maneira ao espirito dos demagogos que passou a ser opinião corrente hoje em dia por muita parte. Só padece contudo de um defeito: ser tão falsa, tão inviavel, como as que a precedem — e como as que se lhe seguem.

De facto, para que a maioria democratica assim pudesse ter acorrentada ao seu exclusivo serviço a minoria dos de maior valor seria necessarias duas cousas: primeira — que os entendes, para decidir sobre a approvação ou sobre a rejeição dos seus alvitres; e segunda — que ella propria gozasse de unidade no pensar e no querer.

Dão-se estas duas condições? Por excepção, apenas, pode admittir-se que uma determinada ideia politica tenha a appoial-a razões de pezo esmagador, as

quaes, muito embora só por um homem em cada 100:000 houvessem sido originalmente discorridas, se tornem tão obvias quando ordenadamente expostas que mesmo os mais obtusos possam comprehender a sua força: o ovo de Colombo. Mas taes circunstancias são extremamente raras na vida dos povos, tanto no que se limita a meras soluções politicas como, e principalmente, no que toca em problemas economicos. Como poderia a massa dos ingratos ter antevisto os efeitos politicos diversissimos que o grande movimento da Reforma veio a produzir na Europa do Seculo 16? Que previsão exacta das cousas manifestam as maiorias democraticas da actualidade quando clamam pela separação da Igreja dos Estados e a promovem? Quantos annos mais hesitará ainda o eleitorado inglez em abandonar a politica paternal de livres imbandonas que está afundando a industria britannica, mantendo em desemprego forçado innumerados dos seus operarios e compelindo immensa gente a emigrar? Como estas trez, com outras perguntas formidaveis podem ser formuladas todas em demonstração da mesma verdade: e esta é que a plena comprehensão dos argumentos pró e contra qualquer questão de real importancia para um paiz requer um determinado grau de conhecimento dos factos acompanhado de dotes de intuição e de previsão tanto acima da capacidade de que, por definição, será dotada a maioria democratica que essa maioria, ao sancionar com os seus votos as propostas de qualquer estadista, de duas uma: ou votará ás cegas, ao acaso, por palpito, ou se isso lhe parecer absurdo como certamente parecerá, acabará finalmente por se submeter pura e simplesmente ao remedio que lhe recommendarem com maior insistencia e habilidade. Quer num caso quer no outro, porém, o que ella nunca fará será usar do seu pregoado direito de approvação e de rejeição isso corresponderá, na realidade, a não o ter — em contrario d'aquillo que os demagogos pretendem.

Mas uma segunda condição será essencialmente necessaria para que uma maioria democratica para existir de facto e possa portanto ter effectivamente

accorrentada como escrava ao seu exclusivo serviço a minoria dos de maior capacidade; e de que essa maioria seja unanime no pensar e no querer.

Pode contar-se com tal unanimidade? Evidentemente não pode. Lá porque uma multidão de creaturas são semelhantes em nenhuma d'ellas ser notablemente mais bondosa, mais intelligente, mais euergica e mais activa do que as restantes, não se segue que todas raciocinem ou sintam egualmente sobre todos os assumptos.

Essa unanimidade — é de ir mais longe — só poderá ser encontrada apenas para uma ou outra solução politica de mero caracter negativo como, por exemplo, no desejo de aniquillar a minoria se esta, além de possuir dotes excepcionaes, detiver tambem privilegios materialmente exteriorizados os quaes, vantajosos para ella, pareçam ou de facto sejam injuriosos e inconvenientes á maioria. Mas desde o momento em que haja desaparecido a razão de queixa commum, tal unanimidade do querer individual está condemnada a dissolver-se.

Na magna, universal, questão do Protecționismo contra o Livre-Cambismo, temos um perfeito exemplo de como é impossivel encontrar unanimidade de pontos de vista e de aspirações na massa popular. Secção a secção, industria a industria, classe a classe, individuo a individuo póde quasi dizer-se, todos querem, como se diz vulgarmente, Deus para si e o diabo para os outros. O operario das fabricas manufactureiras quer protecção para aquella especial industria em que se occupa para que a exclusão do similar artigo estrangeiro lhe garanta continuidade de emprego e razoavel salario, mas será o primeiro a bradar, é o já de facto, contra o que elle, ensinado pelo demagogo, classificará de monopolio da terra e de especulação com a fome dos pobres, se a protecção pautal for tornada extensiva ás industrias agricolas, das quaes aliás vivem outros trabalhadores em muitissimo superior numero. Inversamente pensarão e se manifestarão estes. E contra ambos elles, bem como contra todos os demais, se pronunciarão os individuos cujas occupações estejam naturalmente protegidas da concorrência es-

13 FOLHETIM DE «O CORREIO»

A CHICA

NO CHA' DA BARONEZA

Como depois da partida do Souza para Vigo, a Paschoa se passava sem que tivessem tido confirmação aquellas afirmações que a Nogueira fizera, em cartas successivas de Paris, de que a *cousa* rebentava pelo sabbado de alleluia, — a Chica um pouco desanimada, algum tanto descrente já, começara de abrander as suas furias conspiratorias e suspender aquelle habitual despejar de medalhinhas que fazia com que á noite, depois de nesse gargarejo, eu, distrahidamente, fôsse distribuido aos pobres que encontrava, arrastando creancitas pelas portarias dos predios, medalhinhas com o retrato do sr. D. Manuel, suppondo distribuir, caridosamente, moedas de 10 e de 5 reis.

Em todo o caso a Chica ainda se preocupava com os destinos do paiz e muitas vezes succedia ainda, interromper de subito as minhas atrevidas expansões de ternura com um suspiro, que eu ao principio suppunha de enlanguescente amor, mas que logo percebia ser de rancorosa furia, ao ouvir a murmurar:

— Ah!... aquella lei da Separação!... Ternamente, para lhe affastar o espirito d'aquelles tenebrosos pensamentos, murmurava-lhe, com a minha bocca muito chegada á sua pequenina orelha:

— Deixa lá, Chica, que a nós é que ninguém nos separa...

Ella que se pellava pelo beijinho junto da orelha e que se arripiava toda ao sentir no ouvido o meu halito ardente, apertava muito as mãos de encontro ao peito, e murmurava muito baixinho:

— Sim... mas olha que foi uma violencia muito grande!...

— Foi... foi lá isso foi, respondia eu

descendo os meus labios ao pouco do pescoço, para depois os elevar pouco a pouco caridosamente, ao cantinho d'aquella tentadora bocca, que entretanto ia murmurando:

— Não respeitam nada... nem crenças...

E dava-me um beijo:

— ... nem convicções...

Outro beijo.

— ... nem nada... nada...

— E' verdade, Chica, não respeitam nada... nada... murmurava eu já com a minha bocca junto dos seus labios.

Ella bocca distrahia-se d'aquella preocupação em que a tinha a lei de Separação, que offendia as suas crenças e que a levava agora, como protesto e desforra, a querer por força que eu me confessasse todos os males:

— Já, dizia ella, que vocês, homens, são tão levianos que é inutil pedir-lhes que se confessem todas as semanas.

Eu dizia-lhe que sim, que faria o que ella quizesse, e, muito meigo, muito terno, affagava-lhe os braços e puchava-a para mim, murmurando-lhe ao ouvido palavras vagas, confusas, que ella escutava, com um ligeiro sorriso, os olhos perdidos n'uma abstração.

Ora uma noite em meio do nosso gargarejo, a Chica disse-me:

— E' verdade... já me ia esquecendo...

A baroneza da Amendoeira quer conhecer-te... Viu-te na despedida do Souza, e disse-me que te levasse lá amanhã, á tarde, ao chá...

— Mas para que me quer ella conhecer? perguntei eu um pouco surprehendido.

— Não sei... ella é muito *thalassa*... Vão lá muitos monarchicos...

Eu fui... Fui ao chá e a baroneza recebeu-me optimamente.

— Tenho muito gosto em conhecê-lo, disse-me ella quando a Chica me apresentou... Tenho muito gosto em conhecê-lo porque sei que é o cá dos meus.

E piscava-me o olho.

Eu com a piscadella d'olho fiquei um pouco hesitante sobre o que queria dizer aquillo de eu ser *lá dos d'ella*.

A baroneza era uma senhora já de idade,

desmanchadona, magra e feia, e não constava que... sim... que... emfim que chamasse toda a gente, assim logo de cara, á primeira vez, para ser *lá dos d'ella*. Mas a piscadella de olho desorientava-me.

Mas o equivoque que se esboçava no meu espirito, — que, devo dizê-lo, se sentira alguma cousa attribulado, — desfez-se um pouco com as palavras que a baroneza foi pronunciando em seguida, puxando-me para o sofá, junto d'ella:

— Tome lá uma chavena de chá, e conte-me o que sabe...

Eu, com o espirito ainda muito confuso, confessei com modestia:

— Para lhe fallar com verdade, senhora baroneza, não sei lá muita cousa... circunstancias da vida não me permittiram acabar o curso dos lyceus e...

Mas a baroneza, com uma cotovellada no meu braço, e com a boquinha torcida n'uma expressão de propositado enfado, interrompte-me:

— Ora... não se esteja a fazer engraçado... Eu bem sei que sabe muita cousa... Não esteja com disfarces.

E em voz baixa, rapidamente, segredou-me:

— Olhe que eu sei tudo... Os do *comité* veem cá muitas vezes...

— Ah!... murmurei eu, comprehendendo emfim ao que ella queria chegar.

E de mim para mim dizia para que me perguntava ella o que sabia eu, se dizia saber tudo!...

— Sim continuava a baroneza, veem aqui muitas vezes, e já cá tem tido conferencias.

Depois, como eu, já interessado, me inclinasse a prestar mais attenção, a baroneza afirmou:

— Ainda hontem...

E deitando-se para traz, muito satisfeita, com um abanar ligeiro de uma ventarola de papel azul e branco em que havia uma corôa real e um reclame a uma loja de chá, exclamou:

— Varias vezes me toem consultado...

Eu, deseioso de poder contar á Chica, á noite, quando fosse fallar-lhe á janella, alguma cousa que ella não soubesse ainda, insinuei:

— Então deve saber tudo... sim... deve saber.

— Ah! se sei!... exclamou a baroneza, acenando com a cabeça, e erguendo as sobranceiras. Se sei... e tenho feito o que tenho podido...

E n'uma explosão, quasi berrou em meio do murmúrio das conversas e do tinir das colheres nas chavenas do chá:

— Ah!... porque eu tenho-lhes um odio... um odio... que se pudesse... ah!...

E empunhando a ventarola, como se fosse uma arma temerosa, a baroneza fazia um gesto feroz.

Depois, n'um reviramento, inclinando-se rapida para mim, explicou:

— Eu bem sei que isto até é peccado... mas emfim... a gente confessa-se... e não se falla mais n'isso.

Houve um silencio. A baroneza, fatigada, descahira o corpo sobre uma almofada do sofá. Eu, distrahidamente, pegara d'um livro pousado n'um *queredon* proximo.

Era uma edição dos *Luziadas*. Machinalmente percorri algumas paginas, e ia de novo a posar o volume sobre o *queredon*, quando lá do sofá, n'um suspiro, a baroneza pronunciou com tristeza:

— Ah!... se esse fosse vivo... nada d'isto tinha succedido!...

Olhei-a com um ligeiro espanto, sem comprehender. Ella então precisou:

— Sim... Se Camões fosse vivo!...

— Ah! murmurei eu, com um suspiro tambem...

N'esse momento a Chica aproximou-se e eu, encorajado pelo sorriso da baroneza, que parecia dizer que me entregasse aos meus amores, levantei-me e, com a minha Chica, fui para o vão de uma janella.

E como me impressionara muito a suspirosa observação da baroneza, disse-lhe logo:

— Oh! Chiquinha... tu has-de fazer-me o favor de indagar da baroneza porque é que, se o Camões ainda fosse vivo, nada d'isto teria succedido... nem o 5 de Outubro... nem a lei da Separação...

Anselmo.

trangeira: os medicos, os advogados, os empregados publicos, os da tropa de terra e mar, os ferro-viarios, os gazonomistas, etc., etc.

Eduardo Lupi.

Carta de Lisboa

No barometro politico a estada no poder do sr. Affonso Costa é sempre marcada por tempo variavel. Quando elle falla, quando anda, quando pensa, quando se agita, quando procede, nunca se sabe ao certo de que lado está o vento! Ora apparece sereno e calmo, como uma noute de luar estival, demittindo, contrariado o sr. Alfredo Magalhães, ora surge terrivel, como uma madrugada tempestuosa de invernã, ameaçando a terra, a propriedade, o mar, o functionalismo, o mundo. Ora brinca, como uma ligeira aragem primavera, com os varios grupos parlamentares, ora ruga, impondo despoticamente a sua vontade ao parlamento que, segundo a constituição, é um poder independente, e fazendo resurgir o lendario crê ou morres dos antigos tempos de despotismo inquisitorial.

Os marinheiros provençaes dão o nome de Mistral ao noroeste que é o vento mais perigoso para a navegação pelo Mediterraneo, em geral facil. Para os que navegam na politica, o sr. Affonso Costa passa a ser tambem um novo Mistral que põe em perigo o batel, na sua arriscada viagem.

Em 1910 poem-n'o no Ministerio da Justiça e o novo Mousinho da Silveira, moeda fraca, atira para a legislação do seu paiz, entre as leis que foram consideradas basilares do novo regimen, a da Separação da Igreja, e para a separar do Estado apenas a affasta para, n'um contrasenso visivel, a tornar ainda mais sujeita do poder civil do que estava no tempo em que andava ligada a elle. Separou-a? Não, perseguiu-a. Em vez de lhe dar a liberdade, sujeitou-a a leis excepcionaes que não abrangem senão a religião catholica. Acabou com uma excepção do favor, creando outra excepção de desfavor. E assim, com um traço de penna, deu ou imaginou poder dar cabo do christianismo que tem perto de vinte seculos de existencia, o que equivale a tantos outros de existencia e de verdade!

Passou pela Igreja, como um grande cyclone e arrasou tudo desde o Deus omnipotente, que é ainda hoje uma força incomprehensivel, até ás leis do Vaticano que regulam o Catholicismo. N'um simples decreto alterou a consciencia de milhões de portuguezes, sem pensar que os affastava para sempre da sua obra.

Depois foi á contribuição predial e destruiu a propriedade, confirmando a sua antiga opinião de que o proprietario não era mais do que um simples detentor, e agora, na discussão da Leitravão, de artigo setimo em punho, arranjou com que o funcionario publico não tenha direito algum ao seu logar, para garantia do qual o proprio Estado embolsa os direitos de mercê. Nada escapa ao Mistral.

Não ha contracto entre o empregado publico e o Estado diz o chefe do governo, segundo o resumo do extracto official! Então o que são as leis e os regulamentos dos varios serviços das Secretarias, senão o contracto que cada um tem de observar, logo que o nomearam? O artigo 7 ou não vale nada porque se não cumpre ou é uma arma terrivel na mão dos Governos para perseguirem os adversarios. Amanhã apparece um ministro na discussão do orçamento e diz poder prescindir dos serviços de A e B, com quem embirra ou de quem se quer vingar, e a commissão de finanças elimina a verba orçamental, deixando esses empregados a morrer de fome, se não houver rendimentos praticos. Será isto rasoavel? será humano?

Como arma pratica para equilibrar o orçamento, é verdadeiramente pueril.

Ao sopro deste Mistral nada fica de pé. Tudo se desmorona e desaparece, direito, posse, lei! O homem no nosso paiz perdeu a qualidade de cidadão livre passando á categoria de escravo. Só Affonso Costa é grande! Elle manda, todos obedecem! Ha quem divirja da sua politica? Mas vote porque se não elle vae-se embora!

Ha quem queira discutir a sua administração? Cale-se ou safa-se!

Um correigionario reprova actos seus e dos seus collegas? Dá-se-lhe a demissão! Um outro combate um projecto que elle defende?

Dá-se-lhe uma descompostura!

E n'esta tyrannia *nouveau eri* se move até que um bello dia, depois de nos tirarem o emprego que nos tem levado o suor do rosto, o predio que á custa de economias adquirimos, a religião em que fomos educados, se lembrem de nos pagar o juro dos nossos papeis em papel moeda, o que já esteve mais longe a julgar pelo artigo do *Seculo* de hoje sobre as habilidades financeiras do governo.

E tudo ficará quedo e mudo. Tudo e todos, incluindo o proprio Sr. Alfredo Magalhães que promettia fallar tanto!

Quarta-feira, 12.

Raul

Impressões de Theatro

A FLOR DA RUA

Andava-se, ha um tempo para cá, a pugnar pela imprensa, em prol do rejuvenescimento do theatro portuguez.

Atacavam-se os empresarios de só escolher peças estrangeiras para compor os seus repertorios e o publico de supportar benignamente essa evasão germanica de valsas, em operetas de fundo banal e *extruxulo*. E havia razão para isso, porque uns e outros faziam pouco caso das investidas jornalisticas e litterarias dos campeões do theatro portuguez.

Os primeiros encolhiam os hombros com um ar de superior desdém e o outro, eterno palerma que vae ao theatro só pelos reclamos compostos dos cartazes e das gazetas, aguentava as peças porque, tanto se lhe dá como se lhe deu, contanto que no palco se vejam uns rostos interessantes de mulheres novas e umas plasticas rotundas e promettedoras, embora de mulheres velhas.

Tudo corria n'esta santa indifferença, quando a Empreza Galhardo & José Ricardo se lembrou de abrir concurso para peças portuguezas, em tres actos, de novos na escriptura dramatica; concurso que não sei o que foi feito d'elle, mas, que teve a vantagem de aguçar o appetite de alguns empresarios a pôr em scena operetas portuguezas, de letra e musica portugueza.

Se foram felizes ou infelizes não o dis-cuto agora, porque, se algumas, d'essas peças cahiram, tambem muitas das estrangeiras, com successo feito lá fora, têm cahido pelo buraco do ponto e se tem perdido na profunda e cruel indifferença do publico, quando não têm ido acompanhadas pelo *requiescat* atroador do tacão.

Agora, apenas vos venho fallar do maior successo theatral d'estes ultimos dias, (isto sem reclamo) da peça representada e cantada no theatro Carlos Alberto «A Flor da Rua» original de Arnaldo Leite e Carvalho Barboza, com musica de Fernando Moutinho.

Comedia lyrica lhe chamam os seus authores e se não fosse o personagem ridiculo do Barão de Aldoar, que quebra ás vezes, bem brutalmente, situações lyricamente dramaticas, poder-se-lhe-ia chamar, com mais precisão, *drama lyrico*.

Se eu tivesse visto aquella peça antes do panno subir para o ensaio geral, teria dito aos seus authores: meus amigos façam-me um favor; deem ao Barão outra nota, menos inverosimil e chamem á sua deliciosa peça um drama lyrico. Porque, aquelles tres actos, não são outra coisa mais, do que um drama interessante e bem urdido em que ha phrases musicas que se adaptam n'uma homogenidade de sentimento lyrico e sentimentalmente tristes ao dizer do poema.

Realisaram, para mim, que ha muitos annos ando pelos *fauteils* dos nossos theatros a ouvir peças com musica e sem musica, os seus authores, um trabalho que me encantou e commoveu.

Não me envergonho de dizer que, pelo delicado das situações, pelas palavras da protagonista e pela esdencia e suavidade da musica, varias vezes me afloraram aos olhos as lagrimas que soltam as almas sinceras e

sentimentaes... Chorei! Chorei! e não me envergonho de o dizer. Vi lá, na primeira noite, olhos lindos de mulheres e olhos inexpressivos de homens verter lagrimas de verdadeiro sentimento.

E porquê? Porque a peça é banal? Não!

Porque no decorrer d'esses tres actos ha momentos em que o nosso espirito se enche d'uma profunda tristeza, pela desgraça da «Flor da Rua» e uma clara e bella sympathia pelo Visconde Hylario, um doidivana, como muitos que eu conheço, mas que tem a dentro do coração uma alma deliciosamente boa.

Por isso e porque a these é de molde a commover e a dar uma lição de moral, a peça para mim é uma das melhores que ultimamente tenho visto e ouvido.

Temos por variadas vezes apreciado o valor dramatologico dos authores em generos diversos d'este. Na Revista e na Farça e francamente quando nos sentamos no nosso *fauteill*, que não é dos da imprensa, iamos lealmente o dizemos, sob uma impressão bem differente d'aquella com que saímos, porque tinhamos o mau presentimento de que não iamos gostar. Mas, dito seja isto em verdade, gostamos, e gostamos tanto que já lá fomos dez vezes.

Arnaldo Leite e Carvalho Barboza comprovaram o que ha muito por ahi se afirma, que em Portugal ha espiritos lucidos e claros, capazes de fazer trabalhos tão bons como os que vêm lá de fora. E, Fernando Moutinho demonstrou que tem o talento preciso para musicar peças com aquella maestria e originalidade, que até agora apenas privilegio dos maestros extra-portuguezes.

Juntaram-se admiravelmente e casam-se n'uma homogenea harmonia, o poema e a musica.

Pena é que o Barão de Aldoar seja por demais ridiculo e extremamente palavroso.

No entanto aquella nota alacre que elle dá no decorrer do drama, se por vezes irrita os espiritos sensíveis como o meu, faz estalar a gargalhada á galeria e assim contenta o maior numero.

Feitas estas leves considerações sobre o bello trabalho dos nossos tres amigos (eu chamo-lhes assim porque eu sou amigo de todos quantos nos dão boas peças de theatro) cumpre traçar mais duas linhas relativamente ao seu desempenho, que é bom.

Temos a notar em primeiro logar Cremilda d'Oliveira, que nos deu uma «Flor da Rua» deliciosa.

Esta artista, que eu conheço desde os seus primeiros passos no theatro, tem ultimamente revelado uma verdadeira vocação para as peças no genero da «Flor da Rua», para as peças em que haja uma pontinha de sentimento lyrico. Na Franz, do «Sonho de Valsa» e na Nathalia, do «Amor de Principes», já ella me tinha dado essa impressão de sentimento amoroso que sabe exprimir d'uma maneira especial.

Quando ella quer, encarna-se tanto nos personagens, que chega, como aconteceu na «Flor da Rua», a chorar de verdade, em scena. E chora com aquelle apaixonado sentimento de dôr que a situação requer. Faz todo o seu papel com consciencia e saber, suprimindo muitas vezes a irregularidade do tom de sua voz com o jogo fisionomico, a dicção e precisão de gesto.

Amarante no seu personagem interessante e doidivanas, prende-nos e empolga-nos, porque nós conhecemos tantos, tantos rapazes assim, alegres, pandegos, parecendo descuidados da vida, estigmatizando a balofa importancia dos nulos e desfilando um chorri-lho de palavras de calão, mas tendo no fundo uma boa alma sempre justa para operar quando se trata de fazer uma boa acção. E elle encarnou-se no typo e deu-nos um verdadeiro Visconde Hylario.

José Ricardo, Barão d'Aldoar, faz como sempre, bem o seu papel. Se o personagem é falso a culpa não é d'elle, que com o seu grande talento comico fez soltar expontaneas gargalhadas á platea.

Santos Mello, o Xavier, bem, bonacheirão e não te rales, tendo na mulher a Alda, uma mina a explorar os patos que della se aproximam em colloquios de amor. E a Accacia Reis no papel d'Alda não desmancha, tendo por vezes mesmo felicissimas scenas com o Visconde Jorge.

Este, que é feito pelo Almeida Cruz, não está mal estudado, mas ha um pequenino mas, no modo como elle intpreta o personagem: um janota d'aquelles, no nosso meio, assim tão cinicamente seductor, é mais vivo mais animado; mais pandego e menos impo-rtante.

Cantou bem todo o seu papel merecendo por isso especial menção.

O *musico* (Pinto Ramos) é por demais lamecha, quando falla. Poderia sel-o assim cantando, pois tudo quanto elle diz por musica isso pede. Mas, fallando e habituado á convivencia dos catés e da rua, onde tem vivido, até aquella epocha, bohemiamente, não se é tão lamuriento. Ha a notar, que os pianistas que vão tocar aos bailes de certa gente, não vão, de frack mas sim de casaca, embora essa seja verdeneira de muito uso.

O *Tenente* (Jayme Silva) e a *D. Rosa* (Francisca Martins) regularmente apresentados.

O *poeta* (Mathias Almeida) diz com graça os versos do 2.º acto e as tres *Margaridas* (Julietta Soares, Herculina e Georgete) são

tres encantadoras pequenas em que apetece dar beijos.

O maestro Assiz, um verdadeiro maestro e a orchestra muito bem.

Mas, vae demasiadamente longa esta noticia, e eu que vinha só para abraçar idealmente os authores e dar um aperto de mão aos artistas, acabo por querer dar beijos ás pequenas.

No entanto, a todos, os meus aplausos e aos empresarios Galhardo e José Ricardo o mais entusiastico bravo e o aperto de mão mais apertado e commovido pelo emprehendimento, que comprova que em Portugal ainda ha quem saiba escrever poemas e musica para o theatro e quem saiba ensaiar e decorar scenas, como lá fóra!

Alvaro.

Annuncios

ESTOFOS, MOVEIS e TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO

Herminio Pereira da Silva Pinto

TORRES NOVAS

COMMISSARIO de VINHOS e AZEITES

Especialidade em vinhos tintos de 12 a 15 graus.

Compra e venda á comissão e de conta propria.

Pão de graça

Aos medicos, medicas, parteiras e hospitaes fornecemos o necessario para analyse e experiencia nos tratamentos dos diabeticos, dispepticos, tuberculosos e anemicos. O pão de *Gluten* é o mais leve e mais fino e tem sido empregado com optimos resultados.

Basta um simples postal para ser logo fornecido.

Unico concessionario em Portugal e Hespanha — Manuel J. Ferreira Valente. — Padaria Nacional — Rua de Liceiras, 140 e 144 (e suas filiaes).

LEGITIMOS

CIGARROS D'ALGER

PERFUMES de salon

CREMES d'herbe divine

Universalmente conhecido como os mais higienicos

— Não affectam a garganta —

Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

Magalhães & Moniz, L.^{da}

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros
de ensino, arte, sciencias e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações
CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

CASA FUNDADA EM 1873

11, Largo dos Loyos, 14 — PORTO

Empreza Nacional de Navegação

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85 — LISBOA

Fabrica de pregos e ferragens para malas

A unica no Paiz que fabrica
todos os artigos para confecção
de malas de viagem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

Rua de D. Pedro, 110-2.º PORTO

“ADESIVOS E MAKAVENCOS,,

Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

“AU BON MENAGE,,

81, Rua de Cedofeita, 85 Teleph. 942 — PORTO

Casa especialista no fabrico de colchões de arame,
colchões de folhelho, lã, crina e summauma

Unica colchoaria no Porto que possui um bem montado serviço de
esterilisação e desinfeção pelo vapor sob pressão.

O proprietario,
Julião D. Monteiro

RECOMMENDAMOS

as excellentes e magnificas pennas

D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva dos fabricantes inglezes

D. LEONARDT & C.º

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal

Dr. M. Forbes Costa

CIRURGIÃO DOS HOSPITAES

Antigo assistente das clinicas de Paris, Berlim,
Londres e Vienna

Doenças genito-urinarias,
venereas e syphilis

Diagnostico e tratamento da syphilis pelos
processos mais modernos, especialmente pelo
salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.º

Das 2 ás 5 horas

Telephone. 143

Heroes de Chaves

Nova marca de cigarros

Manipulados com finissimo tabaco
havano suave

SUCCESSO COLOSSAL
Em todas as tabacarias

15 cigarros, 90 reis

COMPANHIAS DE SEGUROS

La Union y el Fenix Espanol
de Madrid

Union Maritime de Paris

Mannheim de Mannheim

Seguros sobre a vida, incendio, explo-
são de gaz, de machinas, raio, rendas
em caso de incendio, maritimos, pos-
taes e transportes de qualquer natureza.

LIMA MAYER & C.ª

RUA DA PRATA, 59-4.º

CIGARROS

Presidente ARRIAGA

Fina mistura de tabaco havano

A MARCA DE MAIOR SUCCESSO EM PORTUGAL

Cuidado com varias marcas
imitações d'esta famosa marca

CIMENTOS

NACIONAES E ESTRANGEIROS
POR GROSSO

Vantagens excepçoes para grandes fornecimentos
e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.ª
LISBOA

Compagnies  de Navegation
Sud-Atlantique

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Ayres, com escala por
Dakar.

A 25 de Março o paquete *Divona*.

A 5 de Abril o paquete *Valdivia*.

A 22 de Abril o paquete *La Gascoigne*.

Linhas Commercias. Para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos
Ayres, com escala por Dakar.

A 19 de Março o paquete *Samara*.

Para Bahia, Santos e Buenos Ayres com escala por Dakar.

A 16 de Abril o paquete *Seguana*.

Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres, com escala por
Dakar.

A 1 de Abril o paquete *Garonna*.

Para Bordenes.

A 21 de Março o paquete *Sequana*.

A 25 de Março o paquete *La Bretagne*.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandea)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres.

A 17 de Março o paquete *Zeelandia*.

A 7 de Abril o paquete *Hollandia*.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 19 de Março o paquete *Hollandia*.

A 9 de Abril o paquete *Frisia*.

Linha Cyp. Fabre & C.º

Para Providence e New-York, e mais cidades dos E. Unidos da America do Norte com
escala por S. Miguel, Terceira e Fayal.

Preço das passagens em 3.ª classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta
e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 20-0-0.

Para Marselha. A. 18 de Março o paquete *Germania*.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.º

No Porto

Largo de S. Domingos, 62, 1.º

Em Lisboa

Praça Duque da Terceira, 4.